

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC**  
**CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA**

**LUANA DOS SANTOS JOAQUIM**

**RELICÁRIO, CARTAS E MEMÓRIAS: DO ATELIÊ À DOCÊNCIA**

**CRICIÚMA**  
**2021**

**LUANA DOS SANTOS JOAQUIM**

**RELICÁRIO, CARTAS E MEMÓRIAS: DO ATELIÊ À DOCÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais - da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profa. Ma. Odete Angelina Calderan

**CRICIÚMA**

**2021**

**LUANA DOS SANTOS JOAQUIM**

**RELICÁRIO, CARTAS E MEMÓRIAS: DO ATELIÊ À DOCÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos, Poéticas e Educação.

Criciúma, 11 de novembro de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Odete Angelina Calderan - Mestre em Artes Visuais - (UFSC) - Orientadora

Profa. Izabel Cristina Marcilio Duarte - Mestre em Educação - (UNESC)

Prof. Mikael Miziescki - Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade - (UNIVILLE)

Dedico este trabalho e todas as minhas realizações  
a Deus,  
a Igreja Católica  
e a minha família.

## AGRADECIMENTOS

*Á vocês...*

Minha família, meu pai Ismael Joaquim, minha mãe Andréa Porto dos Santos Joaquim, meu irmão Patrick dos Santos Joaquim. Meus avós João e Rosa, Ademir e Terezinha, tios, tias, primos, primas, padrinhos e madrinhas; meus profundos agradecimentos! Meus pais que nunca mediram esforços para me ajudar a realizar meus sonhos e sonharam comigo. Nunca me esquecerei das orações de vocês, das vezes que me levaram a muitos lugares para minhas pesquisas. Investiram em meus projetos. Vocês fazem parte de todas as minhas conquistas, são inseparáveis dos meus momentos mais felizes. Até mesmo nas vezes que chorei, me senti incapaz, que o cansaço me convidava para desistir, mas encontrava vocês ao meu lado, me motivando e caminhando comigo. Nada pode medir ou traduzir meu amor e gratidão a vocês! Agradeço por terem me apresentado a Igreja, a fé em Cristo, pois quando estávamos longe, olhar para ele nos unia, nele eu encontro vocês e com vocês eu me encontro com Ele, assim já é impossível me sentir só! Agradeço porque foi e é através da igreja que vivo, que me encontrei com a arte e na arte.

Agradeço a igreja Católica, e nela, minha comunidade Cristo Rei e Paróquia São Donato, aos amigos que nela fiz e que se tornaram parte da minha família. A essas pessoas que sempre me apoiaram, em especial ao Padre Antônio Vander. A você Padre, minha gratidão, pois foi por meio de suas palavras e encorajamento que no início de 2018 decidi continuar na universidade e no Curso de Artes Visuais. Se não fosse por suas palavras muito provavelmente este trabalho de conclusão de curso não existiria, nem o processo de reconhecimento da professora-artista que vos escreve, nem um pouco de Luana. Que o senhor continue sendo instrumento de Deus e que ele vos continue abençoando imensamente!

Agradeço aos meus amigos, em especial aqueles que fiz no ensino médio e que permaneceram me apoiando e compartilhando muitos momentos dessa fase de graduação, mesmo em outras áreas do conhecimento. Agradeço as amizades que fiz durante a graduação na sala de aula e nas filas do ônibus.

Agradeço aos professores que marcaram positivamente minha trajetória no ensino básico, nos estágios que fiz, principalmente no Ensino Fundamental I e no

Atendimento Educacional Especializado (AEE), estendo estes agradecimentos aos alunos que tive a alegria de conhecer e conviver neste período.

Agradeço aos colegas de graduação por tantos momentos e conhecimentos compartilhados; aos professores que participaram da minha pesquisa enviando suas cartas e a todos os professores que tive a oportunidade de ser aluna ao longo desses quatro anos, por todos tenho grande respeito e gratidão!

Em especial aos meus professores nas disciplinas de ateliê e, minha professora orientadora Odete Calderan! Muito obrigada professora por este caminho de arte, memória, docência e poética que se fez esta pesquisa!

Agradeço aos professores que integram minha banca Izabel Cristina Marcilio Duarte (Bel) e Mikael Miziescki, por aceitarem fazer parte deste momento tão especial.

A todos vocês, sintam-se participantes da minha história, da minha formação, das minhas memórias afetivas e da minha construção enquanto professora-artista!

Com Carinho,

*Luana*

Içara, 12/10/2021

“A palavra segura o significado do vivido, desafia o tempo, engana a cronologia. A vida vivida encontra abrigo na casa da palavra. A tenda do significado se presta a auscultar o coração confesso. E com isso o significado se avoluma.”

*Pe. Fábio de Melo*

## RESUMO

A presente pesquisa está inserida na linha de Processos e Poéticas, do curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, tem como abordagem metodológica cartográfica pois, percorre o caminho formativo do professor-artista alinhado ao objetivo de investigar as memórias afetivas dos ateliês provocadas pelas experiências e vivências interativas. Alinhada a questão problema: de que maneira se dá a formação do professor-artista a partir dos ateliês de arte e de suas memórias? Compreendo que as memórias perpassam a minha experiência pessoal como acadêmica de licenciatura e artista que se percebe em ambos, professora e artista. Em torno disso, proponho a organização textual da pesquisa em formato de carta e, de cartas convidando um grupo de professores-artistas e professores de artes: Alan Cichela, Daniele Zacarão, Izabel Duarte, Gabriela Fernandes, Mikael Miziescki, Sérgio Honorato, Silemar da Silva e Thais Klima. E propondo a escrita de cartas com elementos dos ateliês de arte e suportes contemporâneos, para alunos do Ensino Médio da Escola de Educação Básica Antônio Colonetti, situada em Içara. Corroboraram com a pesquisa, autores como Lampert (2017), Derdyk (2004), Kastrup e Passos (2013), Facco (2018), Pereira (2014), Lampert; Nunes (2014), Bosi (1994) e Vasconcelos (2007). Assim, essa abordagem da pesquisa em torno do professor-artista pelo viés das memórias afetivas dos ateliês, traz em seu intuito fortalecer as reflexões sobre a formação que alia a docência em arte com as práticas artísticas nos ateliês.

**Palavras-chave:** Memória Afetiva. Ateliê. Professor-Artista. Docência.

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Ateliê de Pintura.....	25
Figura 2: Ateliê de Escultura e Cerâmica.....	27
Figura 3: Ateliê de Gravura e Serigrafia.....	29
Figura 4: Desenho retrato.....	32
Figura 5: Desenho com costura.....	33
Figura 6: Pintura em Giz Pastel Seco.....	34
Figura 7: Pintura em Tinta Acrílica.....	34
Figura 8: Desenhos dos professores homenageado.....	35
Figura 9: Divulgação da Exposição “Ateliê de Pintura.....	36
Figura 10 – 11: Visita dos Professores na exposição.....	36
Figura 12: Rosa de Cerâmica.....	37
Figura 13: Produção de Potes de Acordelado.....	38
Figura 14: Frotagem.....	38
Figura 15: Nossa Senhora de Fátima.....	40
Figura 16: Diagrama da produção artística.....	41
Figura 17: Produção Sandra Regina.....	85
Figura 18: Cartas expostas.....	85
Figura 19 – 20: Materiais disponibilizados.....	86
Figura 21– 22: Materiais disponibilizados.....	87
Figura 23– 24: Cartas produzidas.....	88

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Proposta metodológica.....	92
--------------------------------------	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
PIBID	Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
MEI	Microempreendedor Individual

## **SUMÁRIO**

<b>1 CARTA – APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1.2 CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	15
<b>2 ATELIÊS DA UNESC.....</b>	<b>20</b>
2.1 PROFESSORA-ARTISTA.....	30
<b>3 CARTA RELICÁRIO.....</b>	<b>42</b>
3.1 CARTAS AO DESTINATÁRIO.....	45
3.1.1 CARTAS RECEBIDAS.....	47
3.2 CORRESPONDÊNCIA.....	80
<b>4 CARTAS, MEMÓRIAS E EXPERIMENTAÇÃO NA EEB. ANTONIO COLONETTI.....</b>	<b>82</b>
<b>5 PROJETO DE EXTENSÃO – RELICÁRIO.....</b>	<b>90</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>97</b>
<b>7 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>100</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>103</b>

1

Carta Apresentação

*Caro Leitor,*

Cartas já quase não são escritas, mas me parece perda não falar de vivências e memórias sem confiá-las às páginas sensíveis que atravessam gerações e tem muita história para contar. Ao longo das linhas a seguir, lerás histórias construídas antes, durante e depois dos ateliês. Serás testemunha dos encontros do Eu-professora-artista que acontecem durante o processo de formação de Arte Visuais - Licenciatura, a começar por mim.

Ao longo da minha formação acadêmica em Artes Visuais percebi a importância da construção da professora-artista, pela escolha do curso de graduação e depois, nos ateliês fui reencontrando meu fazer artístico. Nos processos de produção sentia-me novamente como aquela menina que no ensino fundamental amava desenhar e ousava ensinar às colegas algumas técnicas que havia aprendido nas aulas de arte. E uma relação foi se formando por meio de reflexões em torno da minha experiência em sala de aula como aluna e aspirante a artista. No ateliê as memórias de criança que sonhava com exposições de arte e com ensino foram reafirmando que eu estava no caminho certo. Assim, este caminho foi sendo trilhado entre livros, estágios, visitas a exposições, participação no PIBID<sup>1</sup>, nos eventos institucionais como a Semana de Ciência e Tecnologia e pelas experiências nos ateliês.

Desde as primeiras aulas nos ateliês os entendi como laboratórios de experiências para investigação, das quais, partem diferentes abordagens pelas linguagens, técnicas e materialidades. As vivências nesse espaço também rompem barreiras, pois não necessariamente precisa ser escolhida apenas uma técnica de produção, posso ser pintora, escultora, desenhista, ceramista e gravurista, ou todas ao mesmo tempo.

Neste processo, foi possível perceber a importância de observar as relações que se criam durante a formação de professora-artista, que se descobre professora e artista, através das vivências do espaço do ateliê que é inerente a descoberta, mas que ultrapassa os muros da universidade através dos espaços não formais de educação

---

<sup>1</sup> Programa Institucional de Bolsa Introdução à Docência, do qual participei em 2018 e 2019, com coordenação da Professora Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva. Os encontros aconteciam na UNESC e na escola, no meu grupo, na EEB Humberto de Campos, Criciúma, SC.

e produção. De repente, essas descobertas podem aparecer fora de espaços físicos de criação, como vemos no impressionismo onde artistas saem dos ateliês para estudar as pinturas ao ar livre. Há inúmeras maneiras que possibilitam este encontro e reconhecimento do Eu-professora-artista e talvez aconteça um descobrimento por vez. Comigo essa experiência acontecia paralelamente desde a infância, mas só se confluíu nos ateliês de arte do Curso de Artes Visuais da UNESC.

Dessas experiências venho descobrindo e construindo meu eu-artista, o que impulsionou a realização de um sonho com a abertura da minha pequena empresa chamada *Exercitando Arte*<sup>2</sup>. Tudo começou com uma aula de ateliê, da disciplina de desenho e pintura<sup>3</sup>, com a proposta de criação de um portfólio digital. Foi uma oportunidade de desenvolver minhas produções artísticas, de conhecer e conversar com artistas nacionais e internacionais<sup>4</sup> e, estudantes da área, também; de receber encomendas de desenhos, pinturas em papel, telas e tantas outras propostas.

Assim como cada obra de arte é única, este momento e processo de reconhecimento se dá também de maneiras diferentes para cada um. Percebo como esse tema se expande a partir de diferentes experiências e reflexões, a partir da própria experiência na produção de arte. Deste modo, o processo artístico se torna também um receptor e guardião dos registros da memória e a partir da memória, não apenas pessoal, como social, e do que a partir dela é construído e registrado. Essa construção perpassa as histórias da infância e adolescência, relações familiares e do meio social em que habita, bem como as experiências compartilhadas por meio das histórias dos professores e colegas.

Assim, essa temática de pesquisa em torno das memórias afetivas dos ateliês para além do espaço físicos vem corroborando com as descobertas e experiências que acontecem no ateliê que levam um professor a também ser artista, bem como, oportunizam trazer essas vivências para metodologias em sala de aula. E perceber as

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/exercitando.arte/>. Acesso em: 14 out. 2021.

<sup>3</sup> Professor Me. Sérgio Honorato.

<sup>4</sup> Janielle (@rabiscandoeilustrando), Matheus Bazzo, Walter Wellington, Maria Fonseca, Juliana Siqueira, Antony Franco, Liz de Souza, Pedro Lorenzo, José Luis Castrillo.

reverberações produzidas para além da universidade como as oficinas, exposições, projetos e produções pessoais, é muito inspirador!

Para trilhar os caminhos que perpassam as experiências aqui destacadas, te convido a me acompanhar nesta pesquisa. Convido a receber as próximas páginas, como quem recebe por cartas notícias que compartilham as alegrias e reflexões que a formação propôs viver. Uma carta de quem conta que se descobriu professora-artista e não está sozinha, conheceu outros profissionais com memórias afetivas diferentes, mas com um ponto de identificação: a arte e a docência.

Através destas cartas não estaremos distantes. Olharemos para as mesmas linhas, mesmo com olhares diferentes ampliando e enriquecendo as reflexões.

Saiba que é uma honra compartilhar isto com você!

Vamos juntos?

Atenciosamente,

*Luana*

Içara, 14/10/2021

1.2

*Caminho Metodológico  
da Pesquisa*

O interesse pelo tema da pesquisa foi sendo percebido ao longo da graduação em Artes Visuais - Licenciatura, da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, em processos de aulas, no PIBID, em eventos científicos institucionais que participei, nas exposições e principalmente em experiências nos ateliês, onde passei a compreendê-los como espaços de formação e produção. Me identifiquei a tal ponto que motivou a pesquisa ***Relicário, cartas e memórias: do ateliê à docência***, que está inserida na Linha de Pesquisa em Processos, Poéticas e Educação<sup>5</sup>, em estudos que abrangem as linguagens artísticas no campo da educação, de processos de criação, reflexão e poéticas das artes visuais, observados aqui na pesquisa pelas contribuições dos ateliês na formação do professor-artista.

Para construção da pesquisa, os procedimentos metodológicos são fundamentais e necessitam estar em sintonia com o objeto em investigação. Desse modo, o caminho metodológico da pesquisa toma como base o método da cartografia, pois, segundo Kastrup e Passos:

A cartografia é um método de investigação que não busca desvelar o que já estaria dado como natureza ou realidade preexistente. Partimos do pressuposto de que o ato de conhecer é criador da realidade, o que coloca em questão o paradigma da representação. (...) É intervir sobre a realidade. É transformá-la para conhecê-la. Há uma dimensão da realidade em que ela se apresenta como processo de criação, como poiesis, o que faz com que, em um mesmo movimento, conhecê-la seja participar de seu processo de construção. (KASTRUP; PASSOS, 2013, p.264)

Compreendo que a pesquisa se amplia por tornar-se uma pesquisa cartográfica afetiva que de acordo com Juliana Pereira é uma:

Experimentação que parte de uma proposição lançada pelo professor-artista, com base na construção de um conhecimento que se faz no curso do processo. As variantes das cartografias se dão nas vivências poéticas de acompanhamento de percursos de vida, propondo sua aplicação em processos de produção, conexões de rede de afetos. (PEREIRA, 2014, p.109)

Deste modo, encontro na cartografia afetiva um caminho de pesquisa, ao explorar os processos de desenvolvimento da própria pesquisa que se fez em formato de carta

---

<sup>5</sup> Projeto Pedagógico do Curso – PPC: Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/capa/index/615/10064/>. Acesso em: 14 out. 2021.

aproximando, percorrendo e valorizando a formação do professor-artista através das experiências pessoais retomando memórias afetivas, principalmente nos ateliês de arte e atuação na escola. Entendo que a cartografia amplia as possibilidades de realização da pesquisa trazendo questões artísticas e contemporâneas com enfoque no processo.

Trago como questão problema de pesquisa: de que maneira se dá a formação do professor-artista a partir dos ateliês de arte e de suas memórias? Memórias que perpassam a minha experiência pessoal como acadêmica de licenciatura e artista que se percebe em ambos, professora e artista. Ao longo da pesquisa procuro ir respondendo meu problema de pesquisa propondo um diálogo com a escrita de cartas a um grupo de professores-artistas e professores de artes<sup>6</sup>, com o intuito de compartilhar experiências afetivas e vivências nos ateliês, na formação e descobrimento do eu-professor-artista. Os convidados afetivos que retornaram a carta convite foram: Alan Cichela, Daniele Zacarão, Izabel Duarte, Gabriela Fernandes, Mikael Miziescki, Sérgio Honorato, Silemar da Silva e Thais Klima. Professores egressos e docentes no Curso de Artes Visuais – UNESC.

Como objetivo geral de pesquisa busco investigar as memórias afetivas dos ateliês provocadas pelas experiências e vivências na formação e constituição do eu-professor-artista e no grupo convidado de professores-artistas e professores de Artes. Nos específicos: identificar, pelas cartas, como os ateliês contribuem na formação do professor-artista; relatar as experiências no ateliê durante a graduação dos professores-artistas egressos e docentes do curso de Artes Visuais – UNESC e investigar as relações de ensino e aprendizagem que as aulas de ateliês possibilitam.

Com base nessas reflexões, a experimentação ultrapassou os muros da universidade e foi parar na escola que estudei, Escola de Ensino Básico Antônio Colonetti, situada em Içara/SC, onde propus uma atividade de produção de cartas utilizando materiais e

---

<sup>6</sup> Artistas-Professores e Professores do curso de Artes Visuais – UNESC.

técnicas referentes aos ateliês, com a temática de memórias afetivas. E assim observar a relação dos alunos com as práticas artísticas e os desdobramentos em torno da temática e conceitos das produções contemporâneas.

Dessa forma, para a compreensão da pesquisa a organizei em capítulos e subcapítulos que seguem ordenados na sequência:

Na introdução trago **Carta-Apresentação**, onde escrevo sobre a minha relação com os ateliês durante minha formação no curso de Licenciatura em Artes Visuais – UNESC, que suscitou o interesse pela pesquisa em questão. E na sequência o subcapítulo **Caminho Metodológico da Pesquisa**, trago a linha de pesquisa e a problemática, bem como, as rotas traçadas pelos objetivos, referenciado em autores Lampert (2017), Derdyk (2004), Kastrup e Passos (2013), Facco (2018), Pereira (2014), Lampert; Nunes (2014), Bosi (1994) e Vasconcelos (2007)

No segundo capítulo **Ateliês da Unesc**, trago as memórias dos ateliês de arte da UNESC dialogando com as minhas memórias construídas por meio das disciplinas e atividades ali desenvolvidas. Após, no subcapítulo **Professora-Artista**, conto sobre a minha experiência de descobrimento do eu-professora-artista no Curso de licenciatura em Artes Visuais da UNESC, especialmente nos ateliês.

No capítulo, **Carta Relicário**, trago a contextualização das trocas de cartas com os professores de artes e professores-artistas, egressos e docentes do curso de Artes Visuais UNESC que são: Alan Cichela, Daniele Zacarão, Izabel Duarte, Gabriela Fernandes, Mikael Mizieski, Sérgio Honorato, Silemar da Silva e Thais Klima, trago as cartas e as reflexões em torno do que foi compartilhado, abordando também as referências da escrita de carta na história da arte, incluindo nas produções artísticas contemporâneas; o significado de relicário e as relações que se formam entre esses conceitos e a correspondência de memórias afetivas em torno da formação do professor-artista. No subcapítulo **Cartas ao destinatário**, apresento a carta convite que enviei para os professores convidados e no **Cartas Recebidas** apresento as cartas respostas destes professores. A seguir, no subcapítulo **Correspondência**

escrevo uma carta sobre as considerações, reflexões e agradecimentos aos professores convidados, com base nas cartas recebidas.

No capítulo ***Cartas, Memórias e Experimentação na E.E.B. Antônio Colonetti***, abordo a experiência da atuação que fiz na escola de educação básica levando elementos dos ateliês com a proposta da produção de cartas com memórias afetivas, a fim de possibilitar a experiência dos alunos com as técnicas e materialidades dos ateliês, explorando as possibilidades da arte contemporânea na produção artística, visando analisar a relação que se iria instaurar entre a docência, a discência, a arte, os ateliês e as memórias.

No capítulo referente ao ***Projeto de Extensão – Relicário***, trago uma experiência nos ateliês de forma poética, conciliando a memória afetiva com a produção artística a fim de proporcionar a experiência dos ateliês de arte para professores de arte, agregando em sua formação, ampliando seu repertório metodológico e possibilitando um possível reconhecimento do Eu-Professor-Artista.

No último capítulo ***Considerações Finais***, finalizo destacando os principais pontos significativos da pesquisa, dialogando com o objetivo, e do seu processo de desenvolvimento. Destaco a importância dos ateliês na formação do professor-artista<sup>7</sup> perpassando a minha experiência pessoal, bem como as memórias e experiências de outros professores-artistas egressos e docentes da Unesc, assim também, uma possibilidade de prática pedagógica que aconteceu em uma escola de educação básica.

---

<sup>7</sup> Professor que produz arte.

2

Ateliês da Unesc

Os ateliês ocupam importantes espaços na história da arte e na universidade (UNESC). Em alguns períodos vemos ele como um lugar onde o artista trabalha, projeta, cria e produz. Neste lugar obras muito conhecidas registram a memória que norteia a realidade do período. Com o tempo o ateliê foi se expandindo, as necessidades artísticas de expressar o cotidiano e desenvolver novas técnicas torna o ateliê um lugar em movimento. Dentro ou fora, o ateliê é um lugar de memória, registro, expressão e criação. Seja em casa, na escola, na universidade, em uma sala independente, em um jardim, uma rua, na praia, onde tem artista produzindo, tem ateliê.

Para os ateliês que foram palco das descobertas e desdobramentos da formação do eu-professora-artista, registro ao longo das próximas linhas suas histórias desenvolvidas dentro da universidade e que possibilitaram a participação na formação docente e artística dos professores e produtores de arte. Histórias para serem compartilhadas, pois carregam a história da Universidade, do Curso de Artes Visuais e de tantos professores de arte, artistas e professores–artistas.

Os ateliês estão localizados no Bloco Z, do curso de Artes Visuais Licenciatura, na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Em uma conversa com a coordenadora do Curso, a professora Aurélia Regina de Souza Honorato, ela destacou os primeiros passos do curso e dos ateliês:

O Curso iniciou suas atividades em março de 1970 com o nome de Desenho e Plástica. Um curso de licenciatura. Em 1983 passou a chamar-se Educação Artística e em 1999 nasce o Curso de Artes Visuais com as duas habilitações: licenciatura e bacharelado. Neste percurso os espaços de ateliê foram se consolidando. No início apenas as atuais salas de pintura e de escultura, mas que na época eram salas para práticas das diferentes linguagens.

Ainda segundo Aurélia, desde a década de 70, o Bloco Z foi palco de inúmeras histórias e experiências de professores-artistas que por ali passaram. Entretanto, foi somente em 2010, que três ateliês foram nomeados em homenagem aos

professores<sup>8</sup>, como o ateliê de pintura - professora Maria Marlene Milaneze Just; ateliê de escultura e cerâmica - professora Jussara Guimarães (*in memorian*) e ateliê de gravura e serigrafia Gilberto Pegoraro (*in memorian*).

Professores que formaram outros professores-artistas em um movimento de processo de ensino e aprendizagem com base na teoria e prática, sensibilidade e experiência, onde outros acadêmicos vão se reconhecendo e se identificando com a docência em arte pelos processos de prática artística.

*Ateliê de Pintura Professora Maria Marlene Milaneze Just*



O ateliê de pintura foi onde aconteceu o primeiro contato e aproximação com o fazer artístico da minha turma de licenciatura em Artes Visuais (2018–2021), começando pela disciplina de Ateliê de Desenho I. Já na primeira aula aprendemos a construir um sketchbook utilizando capa de cadernos antigos, papel kraft, elástico, fita e cola. Esse exercício de produção já nos abriu para oportunidades de atuação pedagógica. Nessa relação de ensino e aprendizagem nas aulas íamos descobrindo métodos e atividades para serem levados para a sala de aula. Tendo ciência que nem toda escola possui materiais apropriados, nessas disciplinas no ateliê exploramos possibilidades que se desenvolveram neste ambiente de prática e que irão refletir nas metodologias das aulas de arte. Deste modo, nas primeiras aulas da disciplina, o ateliê se apresentou como um lugar de formação docente e artística, não desvinculando um processo do outro.

Os procedimentos do ateliê comunicam um método de construção, uma lógica na composição do fazer, seja o fazer 'obra' ou o fazer 'aula', pois os planos para as práticas pedagógicas podem e devem trabalhar em comunhão com as práticas do ateliê (FACCO, 2018, p.106)

Essas práticas dialogam com diferentes técnicas e suportes. Nessas aulas aprendemos os desenhos técnicos: escala tonal (hachuras), elementos do desenho

---

<sup>8</sup> Nomeação de Ateliês homenageia professores. Disponível em:

<http://www.unesc.net/portal/aicom/blog/19584-nomeacao-de-atelies-homenageia-professores>. Acesso em: 07 out. 2021.

(círculo, quadrado, triângulo, esfera, cubo, pirâmide, cilindro, paralelepípedo, cone prisma), perspectiva isométrica e cônica, desenho de observação, composição, desenho anatômico. Além das técnicas, aprendemos com nosso professor-artista, Sérgio Honorato, maneiras de compartilhar nosso trabalho, entre elas por meio de uma atividade montamos um portfólio digital (poderia ser um site, blog, *facebook*, Instagram, entre outros meios). Escolhi o Instagram e *facebook*, hoje este meu portfólio se tornou uma pequena empresa registrada no MEI<sup>9</sup>.

No semestre seguinte, na disciplina de Ateliê de Desenho II, com a professora-artista Izabel Duarte (Bel), exploramos os elementos do desenho com produções contemporâneas utilizando materiais e suportes diversificados. Desenho através da costura, sombra, fitas, linhas, colagens, e outros materiais que instigaram a criação. Neste encontro com a arte através da produção artística, houve um aumento de nosso repertório de práticas pedagógicas. Um professor-artista em formação traz este movimento dentro de si, de se descobrir através da criação e investigar meios de possibilitar e explorar essas descobertas e suas reverberações em sala de aula. Deste modo, as disciplinas de ateliê de desenho, nos proporcionaram olhar as metodologias usadas há muito tempo nas aulas de arte (releituras, cópias impressas para intervir, materiais limitados ao papel e lápis), e pensar novas metodologias que explorem a criação dos alunos.

O desenho não é mera cópia, reprodução mecânica do original. É sempre uma interpretação, elaborando correspondências, relacionando, simbolizando, significando, atribuindo novas configurações ao original. O desenho traduz uma visão porque traduz um pensamento, revela um conceito. (DERDYK, 2004, p.112)

Logo, as experiências das aulas de ateliê de desenho ampliam nossa visão para pensar metodologias clássicas e contemporâneas que explorem os elementos do desenho (ponto, linha, forma, volume, cor), oportunizando uma experiência com o fazer artístico pelo desenho em diferentes possibilidades.

Nos semestres seguintes, as aulas da disciplina de Ateliê de Pintura I e II foram essenciais em muitos sentidos. Tivemos contato com diferentes materiais e técnicas,

---

<sup>9</sup> Microempreendedor Individual.

dos mais profissionais aos mais comuns que poderíamos usar futuramente em sala de aula.

Desta forma, tais vertentes evidenciam o tratamento de conteúdos de pintura referente ao fazer do artista ou professor ou pesquisador. Ou seja, trata-se de ampliar o olhar, o repertório e o saber artístico, tendo a pintura como eixo gerador. (LAMPERT; NUNES, 2014, p.102)

Ao final de dois semestres onde desenvolvemos produções em aquarela, tinta acrílica, lápis de cor, giz pastel, carvão, entre outros materiais, juntos expomos nossos trabalhos na exposição “Ateliê de Pintura” em 2020, antes de iniciar a pandemia<sup>10</sup>. Que experiência e caminhada incrível! Passamos pelo processo da escolha do tema que abordaríamos nas obras para a exposição, angústias com os desafios da prática (fazer e refazer até atingir o resultado esperado ou adaptar a produção com o resultado alcançado), a curadoria com a professora Daniele Zacarão, abertura da exposição, roda de conversa e desmontagem.

Nessa exposição, como uma entusiasta da docência e da arte, as produções que expus foram de professores de diferentes disciplinas que de muitas formas me influenciaram a fazer licenciatura. Este projeto aconteceu em dupla com minha colega Natacha Castilho que também homenageou professores que a influenciaram. Ela optou por pintar em lápis de cor e eu, inicialmente, também utilizaria esta técnica, mas em uma de nossas aulas acabei optando pelo giz pastel seco. Essa experiência foi muito importante para o reconhecimento do Eu-Artista. Todo este processo nos inseriu em um dos elementos do universo da arte que é a exposição em espaços de arte. Este conhecimento que vivenciamos através das aulas de ateliê, com certeza, qualifica nossa fala dentro da sala de aula ao compartilharmos com os alunos algo que experienciamos.

Além de todos esses elementos de vivências, estudo e pesquisa, o ateliê proporciona uma experiência física. O lugar ateliê não é um lugar comum. É um lugar de experimentos, descobertas, compartilhamento, angústias e aprendizado. Neste ateliê de pintura do Curso de Artes Visuais na UNESC, há toques e elementos que marcam

---

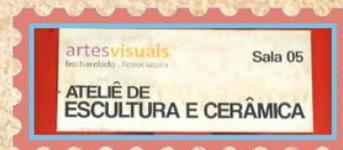
<sup>10</sup> Pandemia causada pelo Corona Vírus (Covid 19)

a memória, os cavaletes, mesas reclináveis, a pia, o quadro, as músicas ao fundo, o cheiro de tinta, a conversa entre professor e alunos. Através das pesquisas feitas neste espaço, com materiais utilizados no desenvolvimento dos trabalhos, por vezes materiais como aquarela, giz pastel, tinta acrílica lápis de cor e materiais acessíveis de baixo custo inclusive, materiais que partem da própria natureza e sucatas, podemos ampliar as possibilidades de trabalhar o desenho e a pintura em sala de aula considerando múltiplas realidades escolares. As relações poderiam se estender visto que até essa interpretação pode variar conforme a experiência do acadêmico, e isso também pode ser comparado com a arte que se abre às experiências e possibilidades.

Figura 1: Ateliê de Pintura.



Fonte: Acervo da autora.



Eis um lugar que me transporta para uma experiência física pela percepção da estrutura, como das mesas, pia, roda de oleiro, do forno, música ao fundo; que instigam a criação e ao compartilhamento de conhecimentos e ideias com os colegas e professores. Vivenciei a experiência de imaginar, modelar, errar, construir e reconstruir com a constante novidade do que não está sob nosso controle. A modelagem da argila que como o conhecimento precisa de técnica, da sensibilidade e tempo para se solidificar. A cada queima das peças, uma surpresa e com ela o sentimento de se reconhecer em outras técnicas e se descobrir em outras possibilidades de linguagens da arte.

Nesses ateliês fomos surpreendidos por uma experiência atípica, uma pandemia que nos afastou durante alguns meses do Ateliê e nos desafiou a vivenciar as disciplinas de escultura e cerâmica dentro de nossas casas. A professora–artista Odete, que orienta esta pesquisa foi quem lecionou estas disciplinas. No início, nossa aproximação com a argila e com o ambiente do ateliê nos provocou a experiências inovadoras. Produzir esculturas e objetos em cerâmica, mesclava técnica, referências da história da arte principalmente contemporânea e temáticas que abrangiam e construía memórias. Aprendemos fazemos, modelando, desmanchando, e junto com a argila nossa experiência no ateliê tomava forma. Com a pandemia e o ensino remoto o olhar para os materiais que tínhamos em casa, nos norteando por artistas que já exploravam esses territórios através de esculturas, fotografias, desenhos, instalações, também nos possibilitou olhar metodologias para que quando docentes pudessemos nos aproveitar dessas vivências para propor uma ampliação do repertório de produção de arte por meio de experiências de ateliês sem estar no ateliê.

as experiências sejam de extrema relevância para a construção do pensamento reflexivo do artista professor, pois causa mudanças, propiciando novas formas de ser/estar/sentir/agir, assim como novas formas de ver/olhar para o lugar onde está e o que faz. (LAMPERT; FACCO, 2018, p.30)

Ao voltar as aulas no ateliê no formato híbrido, um misto de felicidade e nostalgia. Apesar dos pontos positivos que aprendemos com as aulas a distância, o movimento

no ateliê é incomparável! Colocar as mãos na argila, utilizar a roda de oleiro, conhecer os processos de pigmentação, compartilhar os processos com os colegas e a professora, é uma experiência única que enriquece nossa formação.

Figura 2: Ateliê de Escultura e Cerâmica.



Fonte: Acervo da autora.

*Ateliê de Gravura e Serigrafia Professor Gilberto Thomé Pegoraro*



O ateliê de gravura e serigrafia é um lugar que lembra uma oficina, um laboratório. Com varais cheios de trabalhos secando, uma bancada, tintas, instrumentos para a serigrafia, secador, rolinho, um lugar que nos instiga a produção, investigação e exploração de texturas, formas, cores, técnicas como *frotagens* e carimbos, entre outras possibilidades descobertas que proporcionam o movimento de aprender os modos de produzir, o reconhecimento de si nas produções, e a reflexões sobre a

importância de se trabalhar estas atividades nas práticas pedagógicas nas aulas de artes na escola. Lampert e Facco, já elucidam que é neste vínculo entre teoria e prática que se provoca a interação de ideia e ação que promove um caminho de conhecimento de agir agindo e fazer fazendo, possibilitando condições críticas e reflexivas relevantes para a Educação em Artes Visuais (2018). Mesmo com o acontecimento atípico que a pandemia causou de isolamento e distanciamento do ateliê, essa relação de teoria e prática, crítica e reflexão continuou se dando através de metodologias que implicou o olhar atento e sensível ao nosso redor e da nossa realidade encontrando possibilidades apresentadas pela professora–artista, Angélica Neumaier, aliar essas relações explorando as materialidades que estavam em nosso redor e que faz parte do nosso cotidiano. E se a arte contemporânea estreita a conexão arte e vida, isso se fez ainda mais presente neste contexto de encontrar outros formatos de vivenciar a prática da produção artística longe dos recursos do ateliê. Interessante destacar que nos primeiros meses de ensino remoto, as disciplinas de cerâmica e escultura, gravura e serigrafia, uniram as metodologias e juntos proporcionaram experiências em torno de questões afetivas e produção que dialogavam com técnicas e elementos contemporâneos.

Refletir sobre propostas de ensino e aprendizagem que relacionem teoria e prática é relevante para conectar a subjetividade da prática docente e o próprio processo de formação docente, usando o espaço do ateliê híbrido, com eixo e cartografia como meios de metodologia ou caminhos a serem percorridos como possibilidade de trabalho (LAMPERT, 2017, p.64)

Estas situações em torno do ateliê me despertaram a vontade de falar sobre o assunto, compartilhando, despertando diálogos e reflexões. Com a oportunidade de escrever e apresentar resumos na Semana de Ciência e Tecnologia da UNESC, juntamente com a acadêmica e professora de Artes e mestranda em Educação na UNESC, Francine Nazário-Silva, escrevemos resumos sobre a formação do professor-artista, sobre a exposição “Ateliê de Pintura” e sobre as aulas de ateliê neste tempo pandêmico. Assim, fomentando a valorização dos ateliês e a discussão acerca das questões formativas para a docência em arte através e no ateliê, tanto no espaço quando nas disciplinas.

Figura 3: Ateliê de Gravura e Serigrafia.



Fonte: Acervo da autora.

Para potencializar os ateliês, na UNESCO, nós professores de arte e professores-artistas em formação ainda temos acesso a laboratórios que contribuem para a expansão do nosso conhecimento sobre arte através da relação teoria e prática. Um é o laboratório de fotografia onde pudemos aprender e aprofundar mais nossos conhecimentos sobre essa linguagem da arte que exerce influência nas produções artísticas contemporâneas, principalmente no meio digital. O outro é o Espaço de Exposições e laboratório de Artes Visuais – Edi Balod, onde acontecem oficinas e exposições integrando diferentes atividades com acadêmicos do curso de Artes Visuais (Unesc) e artistas de outros lugares, ampliando nossos conhecimentos e práticas, estreitando nossa relação com o universo da arte. Foi neste lugar que tivemos acesso a muitas obras e propostas artísticas e tivemos a experiência de expor nossos trabalhos na exposição “Ateliê de Pintura”.

2.1

*Professora - Artista*

Queridas, memórias que povoam a história da arte, pensar no que você guarda e revela o que foi e o que está sendo escrito em suas páginas nos ajuda a nos localizar em nosso período. Contribuí para contação de nossa história - pertencentes da arte pelo ensino e produção. Bosí (1994) fala em seu livro “Memória e Sociedade” que: “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”



(BOSÍ, 1994, p.55). Que imagens temos em nossa memória artística?

Meus primeiros rastros artísticos aconteceram dentro de casa, no contato com várias linguagens da arte (literatura, música, teatro, cinema, pintura...), incentivada por meus pais e influenciada pela arte religiosa e sacra Católica, no qual tenho profundo carinho e continuo desenvolvendo pesquisas. Depois, lembranças do tempo de escola, das caixas com material de artes que ao final do ano causavam uma grande alegria ao poder levar para casa e usar cada gota de tinta sem preocupações; o contato com obras inesquecíveis da história da arte, os que mais me chamavam atenção eram as obras do Rembrandt, Monet e Van Gogh, principalmente Monet, ficava encantada com as pinceladas e os registros de momentos cotidianos, a obra: “Mulher com a sombrinha”<sup>11</sup> por exemplo, foi uma referência em muitos desenhos que fiz na época. Esses primeiros rabiscos me faziam sentir uma artista! E ainda tinha o sonho de expor “minhas obras” em uma exposição de arte. Uma memória que é sempre lembrada quando encontro minha professora de arte, são os recreios durante a 3ª série onde eu pedia papéis para “ensinar” minhas colegas os desenhos que eu havia aprendido fazer com a professora que produzia arte e considero minha primeira professora–artista. Parecia que ali a vocação artística e docente já ia despontando. Depois veio a memória de ganhar um concurso de desenho muito significativo, em primeiro lugar na

---

<sup>11</sup> Woman with a Parasol - Madame Monet and Her Son 1875. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/woman-with-a-parasol-madame-monet-and-her-son/EwHxeymQQnprMg>. Acesso em: 14 out. 2021.

8ª série<sup>12</sup>. No ensino médio, a releitura da Pietá, escultura feita pelo artista Michelangelo no período do Renascimento, os desenhos de observação, das paisagens já me aproximava da arte de maneira despreziosa. Na hora de escolher a graduação, eu tinha a certeza da licenciatura, mas desejava fazer um curso em outra área que também era ligada a arte, porém acabei optando por Artes Visuais. A partir daí, foi principalmente nas aulas de ateliê que me encontrei. Foi como se estivesse ocorrendo a continuação das memórias daquela pequena artista. Ali encontrei minhas memórias, meu presente de estudo das técnicas, teorias e práticas e vislumbrar um futuro com a possibilidade de ser docente e artista. Uma experiência que Lampert e Facco já mencionam em suas pesquisas:

O ateliê posiciona-se como um espaço de deslocamento (mudança), onde a instância entre artista e professor, professor e pesquisador, professor e aluno, teoria e prática, experiência e informação, real e imaginário, corpo e representação, forma e conteúdo, conhecimento e ação correspondem à transdução (no sentido de transitar) que o sujeito faz em busca de um devir na construção da prática docente. (LAMPERT; FACCO, 2018, p.30)

Neste processo, fui me reconhecendo nas práticas dos ateliês. Primeiramente com a disciplina de Ateliê de Desenho I na primeira fase (01/2018), com os elementos técnicos de desenho foi onde me interessei ainda mais pelo fazer artístico, pois sempre tive uma afinidade com o realismo, e ali, com as técnicas desenvolvidas fui me encontrando.

Figura 4: Desenho retrato



Fonte: Acervo da autora.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.canalicara.com/cotidiano/anunciadas-melhores-pinturas-sobre-abelhas-23906.html>. Acesso em: 14 out. 2021.

Na disciplina de Desenho II, foi explorado as possibilidades do desenho contemporâneo, e ali pude experimentar diferentes técnicas e materialidades. Com uma professora-artista, Izabel Duarte, que além de professora universitária, também atuava na educação básica, e assim compartilhava dicas de como levar aquelas atividades para sala de aula. E assim, através da minha produção e das reflexões metodológicas, ia me reconhecendo professora, artista e pesquisadora neste lugar ateliê.

Figura 5: Desenho com costura.



Fonte: Acervo da autora.

Com a disciplina de Pintura I, criei meu portfólio digital e foi onde mais uma vez vi a importância de ter um professor que ensina aquilo que vivencia. O professor-artista Sérgio Honorato, além de ensinar as técnicas de pintura, também dava dicas de divulgação, como vender, e assim valorizar o trabalho, além de incentivar a entrar neste universo do mercado de arte. Com certeza, este foi um ponto muito importante para mim, pois com as primeiras encomendas que chegaram até mim, para minha agradável surpresa, foi com as dicas do professor que pude me organizar.

As aulas de ateliê de pintura, para mim, eram muito proveitosas! Experimentávamos diferentes técnicas, e não posso negar quantas vezes fiquei angustiada com o processo, mas também é inegável a realização de ver o progresso. Detalhista e perfeccionista, eu gostava muito quando o professor apontava meus erros nas

pinturas e incontáveis vezes o chamava para perguntar no que eu havia errado. E assim, fui me desenvolvendo na pintura.

Figura 6: Pintura em giz pastel seco.



Fonte: Acervo da autora.

No ateliê de Pintura II, depois de conhecer as técnicas, elementos e materiais de pintura através das produções do semestre anterior, pudemos escolher as técnicas, suportes e temática para desenvolver trabalhos para serem expostos em uma exposição da turma.

Figura 7: Pintura em tinta acrílica.



Fonte: Acervo da autora.

Neste processo, uma experiência única foi se desenvolvendo. Este, para mim, foi o momento que além de me reconhecer professora e artista, também pude exteriorizar este reconhecimento. Como proposta, escolhi homenagear quinze entre muitos professores que marcaram positivamente minha trajetória no ensino básico. Conversei com cada um deles, os desenhei durante o semestre, e no ano seguinte, durante o período de visitação eles foram até a exposição e fiquei profundamente emocionada. Os professores que eu tinha como referência e que tinha muita admiração no ensino básico, agora estavam na minha frente como quase colegas de profissão. Eles faziam parte da minha escolha pela licenciatura, e através da minha escolha pela arte pude agradecê-los. Interessante destacar que durante esta visita, falei um pouco sobre as aulas do ateliê e das obras dos meus colegas que estavam na exposição. Alguns dos professores, de outras áreas, que convidei levaram reflexões em torno das obras com técnicas contemporâneas. De fato, não só eles, mas eu também tive contato com obras da arte contemporânea naquele mesmo espaço expositivo no início da minha formação no curso. Ou seja, as aulas de ateliês e os laboratórios do Curso de Artes Visuais, como esta sala Edi Balod, possibilitam o conhecimento artístico e as experiências estéticas não apenas aos acadêmicos, mas também ao público que acessam estas exposições.

Figura 8: Desenhos dos professores homenageados.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 9: Divulgação da Exposição “Ateliê de Pintura”.



Fonte: Sala Edi Balod UNESC.

Figura 10 – 11: Visita dos Professores na exposição.



Fonte: Acervo da autora.

Participar dessa exposição com meus trabalhos, foi o momento em que não somente me senti, mas também me percebi como artista. Depois, ainda neste ano de 2020, com o aumento das encomendas e trabalhos feitos, já não podia me ver de outra forma. É certo que é uma grande responsabilidade ser chamada pelo mesmo título que os mestres da arte em toda a sua história, incluindo meus professores–artistas do curso. Porém, os primeiros passos de uma descoberta, já é uma descoberta. Estes

primeiros passos no mundo da arte, me faz sentir inclusa. E agora, seria impossível falar de arte, sem ser influenciada a colocar a minha experiência. Não poderia ser uma professora de artes, sem compartilhar com os alunos as angústias e alegrias da criação, pois um artista é também um sujeito em constante formação e nisto há uma identificação com quem está começando.

*E as experiências não pararam por aí...*

Nas disciplinas de Ateliê de Escultura e Cerâmica um movimento diferenciado acontecia. Enquanto o desenho e a pintura já vinham sido trabalhados nas aulas de arte enquanto estudante do ensino básico, a cerâmica e a escultura eram linguagens que para mim, eram vivenciados em casa, nas brincadeiras despretensiosas de criança com argila, as esculturas na areia da praia. E assim, memórias afetivas iam sendo recordadas e novas memórias se construía no conhecimento e na criação das produções. Como Edith Derdyk elucida: “A memória evoca fatos vividos, a imaginação projeta no futuro desejos de conquistas. E o presente é a materialização destes instantes, é a ponte de comunicação entre o que já foi e que será.” (DERDYK, 2004, p.130)

E neste movimento, o ateliê tornou-se palco de memórias, descobertas e formação dessa professora-artista.

Figura 12: Rosa de Cerâmica.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 13: Produção de potes de acordelado.



Fonte: Acervo da autora.

Após essas produções conduzidas pela professora-artista Odete Calderan, falar sobre escultura e os processos da cerâmica em sala de aula, possui mais detalhes, mais informações e mais possibilidades.

Na disciplina de gravura e serigrafia não foi diferente, no entanto, essas linguagens que possuem inúmeras maneiras de serem trabalhadas, ainda foram um conhecimento novo. Na escola ainda não havia vivenciado ou conhecido esse tipo de produção artística, mesmo esta sendo uma das produções mais antigas da história da arte, os desenhos gravados e carimbados nas pedras e nas cavernas no período paleolítico. As propostas da disciplina feitas pela professora-artista Angélica Neumaier, possibilitaram uma ampliação do nosso repertório.

Figura 14: Frotagem.



Fonte: Acervo da autora.

Foi nestes ambientes, em meio às telas, tintas, argilas, mesas, cores, pigmentos, papéis, linhas, histórias, memórias, pesquisas, que me descobri professora-artista. O conhecimento ali produzido e compartilhado me ensinou técnicas, mas também sobre parcerias com os colegas, e riqueza da singularidade de cada sujeito, pois como cada indivíduo possui memórias e vivências diferentes onde acontecem identificações com diferentes linguagens e referências artísticas. Por isso, o ateliê também se torna um lugar de acolhimento do sujeito em formação, onde cada um tem seu tempo e sua forma de produzir. As propostas de produções perpassam desde as técnicas clássicas às contemporâneas nos permitindo ampliar nosso conhecimento para produzir e para trabalhar em sala de aula. Assim, o que sabemos é valorizado de forma que nos incentiva a continuarmos nossa trajetória construindo o melhor que podemos ser e produzir dentro de nossas inclinações sem desvalorizar a do outro.

Talvez nem todos os acadêmicos que passaram pelos ateliês se consideram professores-artistas, mas é inegável que as experiências ali vividas modificam nossa relação com a arte.

Mas enquanto a nós que ali nos formamos professores-artistas, possuímos um compromisso com a docência e com a arte. E que doce compromisso! Para mim, é vocação no sentido que, não há como separar essa profissão da nossa identidade, bem como todo lugar se torna um lugar de pesquisa onde se encontram materiais de estudo e produção artística e docente.

A formação do professor de artes visuais perpassa por um sujeito artista/professor (compreendemos que a pesquisa está implícita e inerente ao trabalho docente), pensando no processo de ensino e aprendizagem cotidiano, ultrapassando o limite entre o pessoal e o profissional. (LAMPERT; NUNES, 2014, p.101)

Eu sempre trouxe para minhas produções meu interesse e pesquisa pela arte sacra e religiosa. No ateliê essas inclinações foram acolhidas, e em outras disciplinas do curso também. Um desses momentos, é o estágio obrigatório em espaços não formais de educação onde escolhi atuar com formações sobre arte sacra e sobre a arte que eu produzo, que é a arte religiosa, relacionando coma história da arte e capital artístico cultural.

Figura 15: Nossa Senhora de Fátima.<sup>13</sup>

Fonte: Acervo da autora.

Estas temáticas que norteiam minha pesquisa e produções me possibilitam um reconhecimento da minha identidade como católica e me motiva a levar a arte para a essa de aula de tal forma que motive os alunos a encontrarem este ponto de identificação com a própria história e com a arte. Deste modo, possibilitar que as aulas de arte não se tornem apenas algo estático, mas uma área do conhecimento que participa da nossa trajetória.

Outra disciplina de ateliê que me proporcionou desenvolver estes processos, foi o Ateliê de Interlocuções Poéticas que tivemos na sexta fase. Nesta disciplina, aprendemos e experienciamos os processos artísticos por meio da pesquisa, conhecendo pesquisadores da área, processos artísticos contemporâneos, e entre as atividades propostas, desenvolvendo diagrama da produção artística e um portfólio artístico com a orientação da professora-artista, Daniele Zacarão.

---

<sup>13</sup> Técnica em lápis de cor, tamanho A4; feito por encomenda em 2021.

Figura 16: Diagrama da produção artística.



Fonte: Acervo da autora.

Neste diagrama compartilhávamos conceitos e objetos de pesquisa que identificavam o nosso percurso artístico e o portfólio nos permitia olhar e organizar nossas produções de modo que ao compartilhá-lo, pudesse ser compreendido nossa linha de pesquisa e produção.

3

Carta Relicário

**CARTAS**, como as escritas a mão de Van Gogh para Théo, no livro “Cartas a Théo”, onde compartilham momentos, reflexões, ilustrações, impressões, memórias. As cartas trocadas entre Lygia Clark (1920-1988) e Hélio Oiticica (1964-1974), no livro “Cartas”, com o prefácio do escritor Silviano Santiago. Em ‘Cuide de você’<sup>14</sup> a artista francesa Sophie Calle convida mulheres (cem) para interpretar uma carta de rompimento que recebeu do ex-namorado, o escritor Grégoire Bouillier, que terminou o relacionamento através de um e-mail, finalizando o texto com o ‘cuide de você’; “Carta a um jovem poeta” (2004), do artista Fabio Moraes<sup>15</sup>, produzida com colagens e caligrafias apropriadas.

### **RELICÁRIO**<sup>16</sup>

1. caixa, cofre, lugar próprio para guardar relíquias.
2. Bolsinha ou medalha com relíquias que algumas pessoas trazem ao pescoço, por devoção.

E assim, trazendo as cartas que marcaram a história da arte e que influenciaram nesta pesquisa e o conceito de relicário que são termos que dão nome a este capítulo, trago também os conceitos que eles remetem: a carta como registro, com o objetivo de registrar as memórias afetivas e refletir sobre o ensino da arte pelo professor-artista, e o relicário como este lugar/objeto que guarda os registros, mas também revela ao ser aberto/lido.

Parafrazeando o poeta Fernando Pessoa ‘qualquer caminho leva a toda a parte’, como da escrita de cartas a um grupo de professores-artistas e professores de artes, alguns egressos do curso de Artes Visuais - Licenciatura da UNESC, convidando-os para que me respondessem escrevendo sobre as memórias afetivas que fazem parte da escolha pela licenciatura e que fomentam suas pesquisas e produções. É que nesta

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.ufrgs.br/artevera/cuide-de-voce-sophie-calle/>. Acesso em: 14 out. 2021.

<sup>15</sup> Disponível em: <http://fabio-morais.blogspot.com/2009/01/carta-um-jovem-poeta-2004.html>. Acesso em: 14 out. 2021.

<sup>16</sup> Dicionário online. Disponível em: <https://www.google.com/search>. Acesso em: 14 out. 2021.

'carta resposta' pudesse compartilhar as experiências dos ateliês de arte da UNESCO e a influência em sua atuação docente. O encaminhamento foi realizado via e-mails.

A escrita de carta para contar sobre a própria história de formação docente e artística é um convite para trilhar os caminhos das memórias afetivas, expondo sentimentos, revisitando momentos que influenciaram em suas escolhas. A carta torna a comunicação mais familiarizada, mais poética e próxima, pois em suas linhas e páginas guardam o traço, as confissões, as lembranças mais caras do destinatário, e assim, um pedaço dele torna formas de letras que serão lidas e sentidas pelos remetentes.

A seguir, a carta enviada aos professores-artistas e professores de Artes.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> As cartas tiveram alterações na data de envio e em algumas palavras por conta das alterações do aplicativo onde foram feitas.

3.1

Carta ao Destinatário

*Prezado professor ...,*

*No transcorrer da minha formação acadêmica percebi a importância de aliar teoria e prática através do estudo da história da arte e das produções artísticas realizadas no ateliê, e vos escrevo pois estou em processo de desenvolvimento do TCC e nele quero trazer conceitos que envolvem a formação do professor-artista, como memória afetiva e a experiência no ateliê de arte. Ao longo das minhas orientações com a professora Odete, lembramos de você! Um Professor-Artista!*

*Assim, convido-o para participar da minha pesquisa enviando-me uma resposta a essa carta contando sobre as memórias que o conduziu a formação em arte, seu processo de reconhecimento do Eu-Professor-Artista na formação acadêmica e como isso corroborou para a sua atuação em sala de aula. Poderás me enviar outra carta adornada ou acompanhada de uma de suas produções artísticas que identifiquem sua experiência até o dia 01/10.*

*Ficarei lisonjeada em poder cita-lo e compartilhar sua obra e experiência!*

*Agradeço desde já!*

*Abraço fraterno, Luana*

*Içara, 25 de Agosto de 2021.*

*Luana de Figueiredo*  
2021

3.1.1

Cartas Recibidas

A Professora Thais Klima, é egressa do curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC. Em 2019 trabalhamos na mesma escola. Eu era estagiária da turma do 1º ano do fundamental I, turma em que ela dava aula. Thais trabalhava com muitas metodologias que unia a teoria, a prática e a cultura de maneiras diferentes, isso sempre me chamou atenção. Um dia conversamos sobre essa atuação do professor de arte que muitas vezes não é visto como artista, mas que produz arte e ela me relatou que também tinha produções artísticas e cultivava essa prática. Desta maneira, ao pensar nos professores-artistas para enviar as cartas, logo lembrei dela e essa foi a resposta:

Prezada, Luana

Fico muito feliz por você e a professora Odete lembrarem de mim, estou lisonjeada com o convite. Desde a minha infância eu possuía um grande interesse nas aulas de arte, sempre fui muito tímida e possuía um círculo pequeno de amigos. As lembranças mais marcantes que tenho do meu período escolar é estar desenhando em qualquer canto da escola ou me prender na leitura de algum novo livro. Fui cursar o Ensino Fundamental 2 em uma escola maior e foi neste ambiente que conheci o professor de Arte que me cativou durante suas aulas e fez nascer o desejo por cursar Arte na faculdade. Eu e meu grupo de amigos criamos uma história em quadrinho, toda a história e desenhos eram feitos por nós, desse modo fui encontrando-me ainda mais no campo da Arte.

A semente desse desejo foi crescendo durante o ensino médio, mas a princípio eu não sabia se conseguiria estar em uma sala de aula. Quando estava no último ano do ensino médio me inscrevi para vagas de estágio e fui chamada para estagiar num Centro de Educação Infantil. Neste ano, vi as professoras passarem por muita coisa, então eu tomei a decisão de cursar a licenciatura com confiança e sem a visão romantizada da profissão.

Quando ganhei a bolsa para cursar Artes Visuais na Unesc foi um dos melhores dias da minha vida, caí de paraquedas na turma que já havia iniciado as aulas a quase um mês e foi me situando com os meus colegas nas aulas. Acredito que as aulas nos ateliês foram essenciais para que eu reconhecesse a figura do professor-artista. Cada experiência, provocamento dos professores, as viagens a bienais de arte construíram a professora que sou hoje.

Produzir com os alunos é uma troca tão grandiosa, eles se demonstram muito mais atraídos pelos conteúdos e propostas. Além de você se sentir confortável em trabalhar as técnicas com os discentes, você vivenciou aquilo e tem propriedade para abordar. Sei que a bagagem que carrego foi fruto das aulas durante toda minha graduação e essas experiências são parte do meu Ser Professora.

Abraço fraterno, Thaís

Içara, 29/08/2021



Thais Nima  
2021

A seguir, a carta do Professor-artista Mikael Miziescki, também egresso do curso de licenciatura em Artes Visuais UNESC. Um professor que é referência na atuação na arte e educação. Muitas vezes citado pelos professores do curso, e merecidamente, como um grande professor. Dentre seus trabalhos, o “Morro Grande em Arte” tem grandes proporções, não apenas levando a arte para os alunos, mas tornando-os pertencentes dos processos artísticos e de exposições, valorizando seus saberes e possibilitando novos conhecimentos e experiências.

É professor licenciado em Artes Visuais (2015) e especialista em Teoria e História da Arte (2018), ambos pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, e mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade (2021) pela Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE. É Coordenador do Grupo de Trabalho da Cultura do Geoparque Aspirante Caminhos dos Cânions do Sul. Possui experiência na área de Artes, com ênfase em Ensino da Arte, Artes Visuais e História da Arte. Leciona como professor de Artes em escolas públicas da região da AMESC. Possui pesquisas abertas em torno dos estereótipos na arte, na sociedade e na educação, além de inquietações relacionadas à experiência, estética, arte contemporânea, patrimônio cultural e patrimônio artístico. É criador do projeto Morro Grande em Arte (2014-atual) na Escola Municipal de Ensino Fundamental Prefeito Dário Crepaldi, no extremo sul catarinense, na cidade que dá o nome a proposta. Foi vencedor do prêmio Educador Nota 10, promovido pelas Fundações Victor Civita e Roberto Marinho (e parceiros), como um dos dez melhores professores do Brasil e o Morro Grande em Arte como uma das dez melhores pesquisas da educação brasileira em 2018. Foi semifinalista do XIX Prêmio Arte na Escola Cidadã, promovido pelo Instituto Arte na Escola em setembro de 2018. Recebeu o título de Cidadão Honorário (2018) pela Câmara de Vereadores e Prefeitura Municipal de Morro Grande - Santa Catarina. É Cavaleiro da Ordem Nacional do Mérito Educativo, nomeado pelo Ministério da Educação (MEC) e Presidência da República Federativa do Brasil (2018).<sup>18</sup>

Como apresentado nestas informações e na carta a seguir, a história e formação do prof. Mikael mostra o quanto é possível para um professor de Arte/Professor-Artista, não apenas falar de arte com um olhar distante, mas também estar inserido e ser participante do desenvolvimento e ampliação dos estudos e possibilidades do ensino da arte, trazendo questões importantes como a valorização da produção de arte local.

---

<sup>18</sup> Currículo Lattes: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3854742864759871>. Acesso em: 17 out. 2021.

Estimada Luana,

Fiquei extremamente lisonjeado com o seu contato e sua carta. Estimo muita alegria em saber que a minha querida professora Dêlete Calderan é sua orientadora. Ela, a quem extendo minha inteira gratidão, é uma das pessoas mais incríveis que tive a oportunidade de conhecer ao longo de minha vida. Além de ser uma das minhas principais referências artísticas, é uma inspiração no âmbito educacional e cultural.

Poco licença para me apresentar.

Sou Micael Miziescki, 26 anos de idade, licenciado em Artes Visuais pela Universidade do Extremo Sul Catarinense, entre 2012 e 2015, especialista em Teoria e História da Arte também pela UNESC, entre 2016 e 2017, e mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE, entre 2019 e 2021. Resido em Morro Grande, no extremo sul catarinense, onde leciono Arte, desde 2014, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Prefeito Diário Crepaloti em turmas de 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Atualmente leciono Arte também em Balneário Gaivota, no sul de Santa Catarina, na Escola de Educação Básica Praia da Gaivota para o ensino médio. Sou coordenador de Cultura do Cooperativo Aspirante Caminhos dos Cânions do Sul e pesquisador nas áreas de patrimônio cultural, patrimônio artístico, ensino da arte, arte contemporânea, arte catarinense, cultura, estética, história da arte e desconstrução de estereótipos. Em 2018 fui um dos vencedores do Prêmio Educador Nota 10, semifinalista do Prêmio Arte na Escola Cidadã e recebi os títulos de Cidadão Honorário de Morro Grande e Cavaleiro da Ordem Nacional do Mérito Educativo do Ministério da Educação - MEC.

Minha trajetória começa mais ou menos assim...

Aos 9 dias do mês de novembro de 1994, nasci no Hospital Regional de Araranguá-SC. Filho da professora Maria Luiza Pereira Emerim Miziescki e do operador de máquinas agrícolas e analfabeto Elvino Miziescki. Minha infância se deu na roça, brincando na terra por entre os bois, vacas, galinhas e ferramentas da agricultura na casa de meu avô Guilherme Marcos Emerim. Enquanto ele trabalhava na lavoura, ficava sentado nas sombras das árvores inventando brinquedos e brincadeiras com ramos de mandioca, cascas de coqueiro, gravetos de sianão e arames de cerca. Durante muitas vezes, lembro-me de ir até a casa da minha vó Bertolina Pereira Emerim buscar o café da manhã e da tarde para levar até o local de trabalho do meu avô. Aos 8 anos, passei a ajudá-lo na lida com a terra. Auxiliava na carga dos bois e no transporte da mandioca para o engenho de farinha, no plantio e na colheita do milho, nos reparos dos piquetes, nos cuidados com as vacas e bezerros, entre outras funções. Ali foi meu primeiro contato com arte, no caso, a linguagem da música. Meu avô durante aproximadamente 25 anos, tocou em uma banda de baile chamada Luar do Sertão. Este conjunto executava essencialmente músicas sertanejas por inúmeras localidades da região de Araranguá, entre as décadas de 1960 e 1980. Meu avô cantava e tocava violão e guitarra. Lembro-me de ouvir inúmeras histórias das idas e vindas aos bailes e as dificuldades de tirar as melodias e arranjos de ouvido das músicas que passavam nas rádios na época. Com ele aprendi a tocar violão e, ainda que timidamente, cantarolar. Minha avó Bertolina também tinha um mercadinho que recebeu meu nome: o Armazém Micael. Por ser o primeiro neto, meus avós foram meus padrinhos. Minha lembrança de ajudar minha vó a pesar os alimentos do mercado, a comprar mercadorias, abastecer as prateleiras, a embalar os alimentos, fazer os trocos, tirar a poeira, atender a clientela, levar as compras de carrinho de mão até a casa do cliente, a escolher os legumes e frutas em perfeito estado, a manter o balcão da venda limpo, entre outras, também constituem minha trajetória biográfica.

Primeiro desvio - Muitas dessas memórias vieram à tona novamente, quando experienciei a instalação artística intitulada '100% Terra: Projeto Escambo' de Dêlete Calderan na exposição Jardim Interno no Centro Cultural Jorge Zanatta em Criciúma no ano de 2020. Luana, lembro-me daquela produção como um dispositivo de mudança gigantesco. Foi ali que me dei conta, o quanto essa infância no interior me constituiu enquanto professor que produz arte. Aqueles pacotes, balanças, pesos, balcões e objetos de venda, foi como uma viagem a um passado que ainda é muito presente em mim. Foi por estas vivências que reverbera em mim até hoje, um ser curioso, enveredado, inquieto e que não tem medo de trabalhar. É fascinante como a arte consegue nos deslocar dessa maneira.

Segundo desvio - Em 2019, quando estive entrevistando o artista Edi Balod em sua casa para a minha dissertação de mestrado, pude sentir esses deslocamentos de infância novamente. Instalações que uniam fragmentos de Araranguá, como o mancal da balsa, ferramentas agrícolas e assemblages sobre o folclore acariano, me impactaram ao sentir meus avós ali presentes naquelas peças. A cada olhar, os desvios eram para dentro de mim. Hoje, adulto, percebo que isso fez total diferença em quem sou.

Na escola, nas aulas de Artes, tinha prazer ao desenhar e pintar na infância. Sempre adorei estudar e escrever sobre os artistas e suas produções. Explicar sobre eles era incrível. Na adolescência, o meu interesse com arte se tornou cada vez menor. Não via sentido em pintar desenhos impressos, xerocados ou mimeografados; enfitear a escola para a festa junina, fazer lembrancinhas de dia dos pais e dia das mães e tentar copiar o máximo possível as pinturas de artistas clássicos como van Gogh, Renoir e Monet e chamar aquilo de releitura, entre outros. Minha experiência com arte na escola reduziu meu entendimento sobre as linguagens artísticas. Em minha cabeça constitui um pensamento restrito de arte. O artista enquanto gênio inalcançável, só era conhecido após a morte, para se tirar 10, você precisa ser o desenhista que mais se aproxima do belo ideal, o abstrato é qualquer coisa.

Terceiro desvio - Minha mãe estudou licenciatura em Artes Visuais na UNESC em 2004. Durante várias ocasiões, entre 8 e 10 anos, ia com ela até a universidade pois ela não tinha com quem me deixar. Lembro de ver o quanto aquele lugar era mágico, cheio de mesas e muita gente interessada em Arte. Lembro-me de alguns professores, como Eduardo Vicente Tasca, Maria Marlene Milaneze Just, Inês Furlanetto, Jussara Guimarães e Angélica Neumeier. Esta última me deu um papel e caneta para desenhar em uma das aulas. Eu jamais imaginava que um dia, muitos destes nomes, seriam meus professores na graduação.

Quarto desvio - Em um dos projetos de estágio de minha mãe, em meados de 2003, fui até Tubarão conhecer as obras do artista Willy Zumblick. Foi meu primeiro contato com arte catarinense. Lembro-me, aos 7 anos de idade, do fascínio que era transitar dentro do museu e admirar cada personagem pintado por ele. Lá estavam alguns elementos que me eram familiares: a bandeira do Divino, o boi de mamão, a mãe, as festas religiosas, entre outros.

Quinto desvio - Importante ressaltar que, por parte de mãe, tive a influência de costumes vinculados a cultura acariana. Fiz parte de um grupo de Boi de Mamão durante sete anos em Araranguá, coordenado pela minha mãe, vi as apresentações da bandeira do Divino, as danças de pão de fofa, o torço do rei, as cantigas, as lendas e as artesanias poeireiras. Já por parte do meu pai, tive a influência da cultura italiana, como os dialetos, a culinária, os jogos, as histórias dos bagres (embates entre colonizadores e indígenas), as músicas e as celebrações católicas. Coisas que eram presentes nas obras de Zumblick e na minha vida, paralelamente. Talvez, tenha sido a primeira vez que identifiquei o quanto a arte e a vida são intrínsecas uma à outra.

Seito desvio - Minha trajetória escolar permeou duas cidades diferentes: Araranguá e Morro Grande. Até a sétima série estudei na primeira e a segunda a partir da oitava série. Durante anos tive de lidar, em Araranguá, com problemas envolvendo bullying. Era submetido a chutes, socos e pontapés por parte de colegas e também a humilhações envolvendo o meu peso. Lembranças terríveis que me fizeram, inclusive, perder a vontade de ir a escola. Algo que mudou totalmente quando passei a estudar em Morro Grande.

Por ser muito curioso, entre a segunda e a terceira série de ensino médio, passei a pesquisar muito na internet sobre conteúdos que sempre quis estudar e nunca tive oportunidade na escola. Sempre achei fascinante toda a cultura e a história do Antigo Egito, por exemplo, mas nunca aprendi em âmbito escolar, foi nessa época que passei a fazer leituras extensas em sites de viagens sobre essas pesquisas, deparei-me com os currículos dos cursos da Universidade do Extremo Sul Catarinense. O vestibular se aproximava e eu não encontrava nenhuma graduação que me fizesse sentir segurança de que era aquilo que eu queria. A pressão sobre essa escolha me fez muito mal. Até que, ao ver a grade do curso de Artes Visuais, uma luz acendeu. Ao ler sobre as disciplinas que tinha, principalmente, as vinculadas a história de arte, arte contemporânea, teatro, música e arte catarinense, me fizeram reavaliar a minha decisão de não seguir na área de arte. E foi a melhor decisão que tomei na vida.

## A mudança.

Adentrar o curso de Artes Visuais da Unesc, foi um divisor de águas. A visão restrita de arte que eu tinha, passou a ser desconstruída a cada experiência. De hobbies de leitura, a arte passou a ser condição de vida. O reencontro com Eduardo Vicente Tarca, Maria Marlene Milaneze Just e Angelica Neumeier, me propôs um ambiente familiar e produtivo. Entre 2012 e 2015, vivenciei as diferentes linguagens artísticas por intermédio dos professores Dêlete Calderin, Bel Duarte, Francine, Sérgio Honorato, Silenar Silva, Lenita, Daniel Vieira, Marcelo Felthaus, Leticia Corloso e Cleandro Tombini, nos ateliês e oficinas no bloco 3. A cada aula prática, tentava extrair o máximo de informação possível destes professores-artistas. Ajudava-os muitas vezes com as matérias e também a fechar os ateliês, além de instalar data show e projetar as imagens. Cada momento na aula me interessava, pois era uma oportunidade de aprender mais. Lembro-me de um fato.

Sétimo desvio - Nas aulas de pintura com o professor Cleandro, sempre ajudava ele com as sacolas e matérias da aula. Ao ajudá-lo, sempre tagarecava inúmeras coisas. Em um desses dias, aprendi com ele como montar uma tela, esticar a lona no bastidor, fazer a emaléia e a preparação das tintas. Auxílios na preparação desses suportes para todos os colegas poderei usar na aula mais tarde. Esta experiência me fez aprender técnicas que eu utilizo até hoje em sala de aula.

Repetia o mesmo processo com outros professores: na escultura, auxiliava Dêlete com a argila, no desenho contemporâneo e na serigrafia, Angelica, na silagrafia, Bel Duarte, entre outros. Cada momento me era significativo, pois ali envolvia o prazer com arte. Este viver com arte a partir dos artistas-professores, foi algo que contribuiu para a minha formação intelectual, pessoal e educacional. Não eram gênios inalcançáveis, eram disponíveis, amigos e abertos ao diálogo.

As aulas teóricas com os professores Tarca, Alan Cichela, Marcelo, Aurelia Honorato, Patrícia, Viviane, Estêo, Edna e Simone, me propuseram um catalisador de mudanças potente. Ali aprendi o que sempre quis aprender e muito além disso. Precisos ensinamentos que me faz eternamente grato.

Em meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado (Des)construindo estereótipos: uma conversa com professoras de Artes e Pedagógicas da Região da AMESC, pude analisar, debater e problematizar sobre os fantasmas em torno da disciplina de arte no espaço escolar. Aquilo que me fez atestar da disciplina de arte na escola, continuava acontecendo com outros alunos. Sob orientação do professor Marcelo Felthaus, pude apresentar as minhas ideias desenvolvidas e estruturadas ao longo dos quatro anos de estudos.

Ah e a escola? Quando entra?

Minha trajetória na educação começou cedo.

Aos 18 anos de idade, na segunda fase da graduação, eu comecei a lecionar oficinas de arte no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Prefeitura Municipal de Morro Grande. Eram experiências com alunos em situação de vulnerabilidade social. Momentos complexos e difíceis, mas que me fizeram perceber o quanto era delicioso lecionar. Meu primeiro contato como professor de arte de fato, foi aos 19 anos, na escola em que estudei no ensino médio. Estar ali ao lado dos professores que me deram aula e que agora eram meus colegas de trabalho, era muito estranho. Sentiu-me não preparado para a função, mas cheio de vontade de mudar a realidade daqueles crianças. Sabia que tinha uma oportunidade gigante nas mãos. Experimentamos serigrafia, instalação artística, desenho, pintura, dança, teatro, arte catarinense e as obras do artista Willy Zumblick em Taboão. Foi nesse ano, também, que tive minha primeira situação-problema com relação a indisciplina em sala de aula. Desafio, creio que essa seja a palavra mais adequada para aquela experiência.

Outro desafio - As produções que eu fazia ao longo das aulas de arte na graduação, eu levava como modo de explicar as linguagens artísticas aos alunos em 2013. Cartões, telas, desenhos, apresentações, fotografias, serigrafias, xilogravuras, aquarelas, entre outros, sempre estavam presentes em âmbito acadêmico e escolar naquele ano.

O Morro Grande em Arte.

Em fevereiro de 2014, cheguei pela primeira vez na Escola Municipal de Ensino Fundamental Prefeito Dário Crepaldo, na comunidade de Nova Roma em Morro Grande, para lecionar a disciplina de Artes para dois turmas: 4<sup>o</sup> e 5<sup>o</sup> anos. Desafiei-me a entender a realidade escolar no princípio do meu trabalho naquele espaço, compreendendo que a cidade possui aproximadamente três mil habitantes e que a grande maioria trabalha com agricultura. Percebi de antemão que os alunos tinham um grande potencial artístico que era pouco explorado e que suas visões eram restritas a propagação de estereótipos rítmicos (desenho impresso, lembrança, artesanato, moldes, formas, entre outros). Foi como retornar a minha infância.

Como todo processo de desconstrução é lento, muitas dificuldades surgiram ao longo do percurso, principalmente no ato de reconhecer-se professor de conhecimento, de valorizar sua produção como potência artística e de compreender que seu trabalho tem força para propor reflexões. Os alunos desconheciam artistas catarinenses e contemporâneos brasileiros, além das vanguardas modernas. Havia preconceito com relação ao abstrato e ridicularização com pouca valorização da cultura catarinense e da cidade de Morro Grande. Supervalorizavam o figurativismo realista e sofriam quando não atingiam suas expectativas perante a esse ideia de belo, impregnada em suas mentes. Mesmo com todas as dificuldades, as produções e os conceitos foram me surpreendendo, onde percebi que eram muito inquietantes para ficar apenas restritas as paredes da escola. A partir disso surge o projeto "Morro Grande em Arte", que se constitui como um evento, desde 2014, que oportuniza espaços para o que foi produzido nas aulas de artes durante o ano letivo em formato de exposição coletiva, aberta para o público.

O objetivo geral do projeto é desconstruir estereótipos e oportunizar vivências relacionadas as diferentes linguagens artísticas, valorizando a cultura do Brasil, do estado de Santa Catarina e do município de Morro Grande, contemplando a história da arte como referencial teórico-prático e enaltecendo o processo criativo dos alunos na busca por refletir a disciplina enquanto produtora de conhecimento. Partindo da premissa que a experiência com arte modifica as pessoas, propusimos as seguintes metas de desenvolvimento: conhecer, contextualizar e refletir sobre os períodos, épocas, movimentos, tendências, gêneros, técnicas, museus, artistas e obras que norteiam a história, as atualidades e os diferentes âmbitos da arte em caráter mundial; produzir e experimentar as múltiplas linguagens artísticas; ampliar repertório artístico-cultural, apreciando e estudando obras de arte, museus, produções de filmes, textos, entre outros; participar da montagem de exposições; produzir o que será exposto, idealizar e compor o conceito do Morro Grande em Arte, além de fazer mediação e curadoria em diálogo com o educador.

O Morro Grande em Arte é uma obra aberta, desconstrutora, de resignificação constante e que possibilita se modificar no decorrer do ano letivo, perante sugestões e necessidades apresentadas pelos próprios alunos, o professor e os artistas convidados. Pautadas na desconstrução, crítica e reflexão, as aulas são ministradas de formas múltiplas, como por exemplo, as saídas de campo: as igrejas, casas de artesãos, paisagens naturais e outros espaços no entorno da escola, na UNESCO, galeria de arte e teatro em Criciúma (Santa Catarina), no Museu Willy Zumblick, Museu Ferroviário, Igreja São José de Operários e Catedral Metropolitana em Tubarão (Santa Catarina), entre outros. São várias as referências artísticas, culturais e museológicas, para a composição do projeto, construído em conjunto entre professor e alunos. Além da visita nesses espaços, as aulas permitem a provocação teórico-prática, envolvendo a inquietação do pensar e propondo uma lógica crítico-reflexiva a cada trabalho, dinâmica e composição. Costumamos trabalhar na lógica de questionar, ao invés de jogar informações aleatórias, se distanciando dos métodos tradicionais. Cada conteúdo é apresentado de forma múltipla, utilizando materiais diversos, como textos, apresentação de slides, imagens, mapa conceitual, narrativas, contação de histórias, vídeos, filmes, entre outros.

Ao longo das seis edições do projeto (2014-2019), foram mais de 2 mil visitantes nas mostras coletivas, em torno de 400 alunos envolvidos, 25 artistas plásticos convidados (de diferentes estados como Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraíba e Rio Grande do Sul) e mais de 3 mil produções artísticas. Cidades vizinhas do extremo sul catarinense, como Maracajá, Meleiro, Turvo e Timbó do Sul, tiveram suas escolas prestigiando as mostras, além de visitantes sem vínculo específico com educação de Tubarão, Florianópolis, Porto Alegre, Braço do Norte, Criciúma, Forquilha, Capivari de Baixo, entre outros.

Firmamos parceria com artistas plásticos de idades, ciclos, técnicas, linguagens e pesquisas múltiplas, passando do grafite e da arte urbana de João Vezam de Florianópolis/SC até a pintura histórica e modernista de Willy Zumblick de Tubarão/SC, do desenho contemporâneo e da serigrafia de Angelica Neumaier de Santa Maria/RS até a escultura em cerâmica de Sulemar Silva de Criciúma/SC, do desenho expressivo e provocador de Alan Cochela de Criciúma/SC até as instalações com vidro, terra e madeira de Deleto Calderan de Sarandubá/RS, das aquarelas de Malu Dal Port de Meleiro/SC até os mosaicos cerâmicos de Sérgio Honorato de Criciúma/SC, dos quadrinhos e xilogravuras de Bel Duarte de Criciúma/SC as intervenções de Jansen Ulela de Rio de Janeiro/RJ, entre outros. A maioria meus ex-professores do graduação, agora parceiros de minhas práticas em sala de aula.

Em 2018, fomos agraciados com o Prêmio Educador Nota 10, o maior prêmio da educação brasileira. O Morro Grande em Arte ficou entre as dez melhores iniciativas do nosso país. Em seguida, no mesmo ano, recebi a placa de Cidadão Honorário de Morro Grande e a Medalha de Ordem Nacional do Mérito Educativo. Foi convidado para ministrar palestras, cursos e comunicações em eventos científicos sobre o projeto em várias cidades do Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Senador Carneiro em Goiás, Joinville, Criciúma, Araranguá, Porto Alegre, Caxias do Sul, Balneário Camboriú, entre outras. Além disso, o Morro Grande em Arte foi semifinalista do Prêmio Arte na Escola Cidadã. Títulos e conquistas que jamais imaginei ter em minha vida.

Estas experiências podem ser lidas no artigo intitulado O Ensino de Arte e a Experiência Narrativa em Torno do Projeto Morro Grande em Arte, publicado na revista *CriarEducação* da UNESCO, sob orientação da professora Dra. Aurélio Regina de Souza Honorato. É em sala de aula que me permito ser mais que um mediador ou propositos de experiências. Foi nesse artigo que propus o termo professor-curador: aquele sujeito que seleciona conteúdos, vivencia as diferentes linguagens artísticas, pesquisa técnicas, estuda e problematiza a história da arte junto com meus alunos. Nós compomos os textos curatoriais das exposições coletivas do Morro Grande em Arte juntos. Esse ato criativo coletivo é incrível. É nessa lógica que minha produção nasce fruto de experimentação junto de meus alunos.

A seguir vou mostrar algumas delas.

A primeira se chama 'Solidão', uma fotografia feita em 2014 durante uma saída de campo em Três Barras no município de Morro Grande. Na ocasião, eu e meus alunos do 6º ano estávamos exercitando a linguagem fotográfica durante uma caminhada pelas matas, montanhas, córregos e rios, na busca por ângulos, enquadramentos e efeitos para a série de produções sobre a natureza de Morro Grande. Esta série foi exposta na primeira mostra do nosso projeto. Ao lado dos meus alunos, fotografei esta cena embriado por uma breve conversa com eles sobre a solidão que sentiam de perceber o quanto nós estamos distantes e isolados dos grandes centros, das cidades de grande expressão e dos circuitos artísticos em Santa Catarina. Pelo menos esta era a sensação deles naquele momento. Fala de um aluno: "A gente mora longe de tudo e de todos. Até quanto tem que ser assim?". A gente mal sabia que quatro anos depois, estaríamos recebendo um prêmio nacional em São Paulo por estas e outras significativas experiências com o Morro Grande em Arte.



Dentro dos 42 x 21,7 centímetros em que esta produção se estrutura, coabita ali aquela sensação que incomodava meus alunos naquele momento. Estar distante, simbolizava não ser visto, não ter chance de ser percebido. Nas fotografias feitas por eles naquela ocasião, percebemos uma grande necessidade de demonstrarem o conhecimento e as potencialidades que ali e neles existiam. Referenciados pelo trabalho de Sebastião Salgado, decidimos usar o preto e branco como modo de expor nossos registros fotográficos. Seguem algumas imagens feitas por eles nesta série fotográfica.



Em 2014, "Solidão" foi exposta na Mostra Coletiva Criatividade no Espaço Topo de Arte da UNESCO. Posteriormente, esteve nas mostras coletivas de Marro Grande em Arte em 2016, 2017 e 2011.

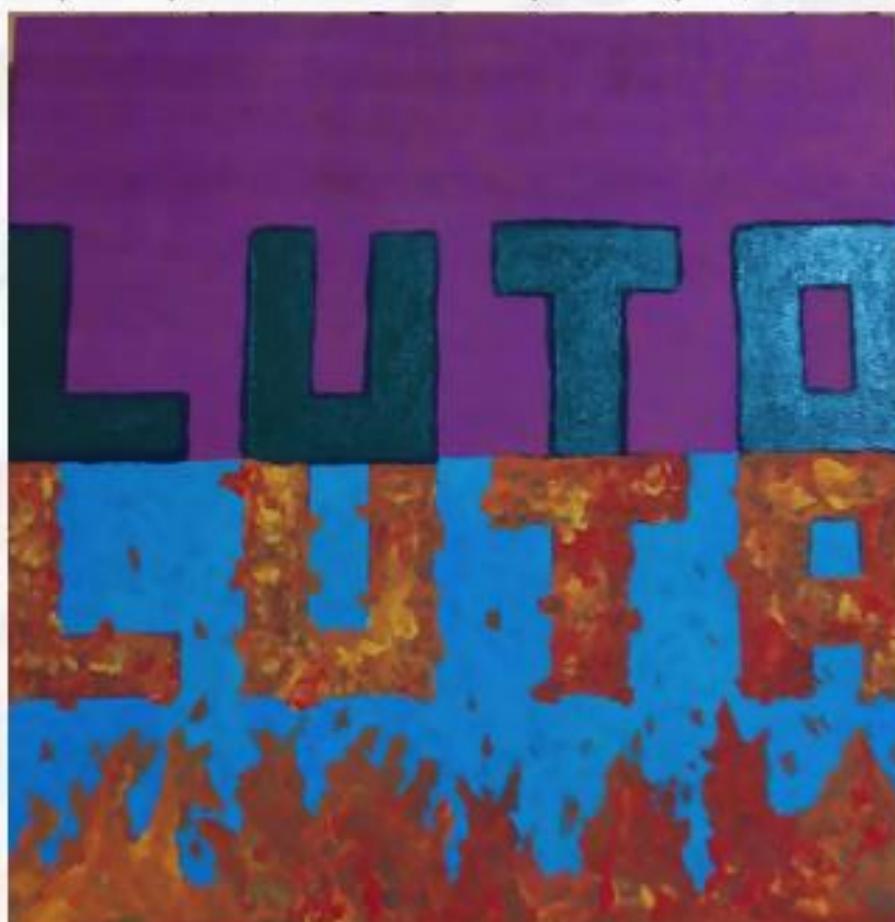
A segunda e a terceira produção que gostaríamos de destacar, tem relação direta com outro problema social: o descaso com o patrimônio cultural no Brasil. Com o incêndio do Museu Nacional do Rio de Janeiro no dia 02 de setembro de 2018 somado as tragédias culturais do Museu de Língua Portuguesa em 2015, Museu de Arte Moderna de RJ em 1978, Centro Cultural Lixa de Artes e Ofícios em 2014, Memorial da América Latina em 2013, Cinemateca em 2016, a Casa Edo Stangiel em 2017, entre outras, o debate sobre os processos de silenciamento, esquecimento e negligência cultural vieram à tona durante nossas aulas.

Principalmente com o Ensino Médio, em 2018 e 2019, rodas de conversa se acaloravam com a necessidade de exporem suas opiniões perante aos casos citados e relacionando-os com a escassez de espaços culturais em Morro Grande. Desses debates e discussões, surgiram inúmeras produções expressadas a partir de pinturas em madeira. O suporte pictórico foi escolhido em comum acordo com os alunos, como símbolo de material frágil que fora queimado nesses crimes culturais. Foi durante estas experiências, que produzi a série intitulada 'Luto ou Luta?'. Durante as aulas, sentados ao lado dos alunos e influenciados pelas ideias destes, dei início a esta pesquisa.

Os primeiros trabalhos surgiram em 2018, após fazer inúmeras anotações em um caderno durante estas longas conversas. Trata-se de uma montagem digital sobre fotografias do Museu Nacional em chamas.



Na primeira parte temos os principais espaços brasileiros que sofreram tragédias nos últimos anos. Na segunda parte, temos as áreas de conhecimento atingidas e os locais em que eram originados estes acervos destruídos. Estas produções são uma denúncia, um grito de socorro. Representam opiniões, dores, sofrimentos, traumas e angústias. São vozes unidas repudiando atos criminosos. Nessa lógica, em 2019, surgiu uma pintura em madeira:



Esta série ainda inclui textos, desenhos, aquerelas, entre outros. Todos feitos em conjunto com os alunos. Esta série foi exposta nas mestras do projeto em 2018 e 2019.

Enfim, poderia compartilhar milhares de experiências de sala de aula que reverberam na minha produção artística. Entretanto, estas simbolizam muito bem a minha condição de professor que produz. Eu crio ao lado dos meus alunos, na escola. Eu procuro vivenciar a experiência que proponho ao lado deles. Assim, descobrindo e caminhando em grupo, que procuro continuar produzindo. Não sei se me considero artista, confesso que sou inseguro com esta titulação pelo respeito que tenho a esta profissão. Minha intenção primeira é tentar atingir os objetivos de minha aula, depois penso em analisar o que produzi artisticamente. Minhas principais referências, como professores-artistas, são: Oskete Calderan, Bel Duarte, Sérgio Honorato, Simão Milak, Jussara Guimarães, Gilberto Pogoraro, Jorge Ferro, Angélica Neumaier, Eli Balad, Bernice Corini, Rosângela Becker, Alan Cichela, Alexandre Rocha, Leticia Cardoso, Maria Marlene Milanze Just, Selmar Silva, entre outros.

Espero que as informações compartilhadas sejam úteis para a sua pesquisa. Me coloco inteiramente a disposição para o que precisares.

Desjo uma ótima pesquisa.

Morro Grande/SC, 26 de setembro de 2021



Michael Mizuriski

A Professora Silemar da Silva é professora-artista do curso de Artes Visuais UNESC, e contribuiu muito para minha formação! Possui pesquisa sobre o cinema, memórias e educação, e ao mesmo tempo desenvolve outras linguagens da arte como desenho e escultura. Uma ótima professora que me orientou em muitos estágios, foi minha coordenadora no PIBID<sup>19</sup>, em projeto de extensão, e a quem tenho muito apreço.

Possui graduação em Educação Artística pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (1986), especialização em arte-educação pela Fucrí/Unesc (1993), mestrado em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2009) e mestrado em Educação e Cultura pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2004). Atuou como professor III pela Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina na Educação Básica durante 25 anos. Atualmente é professora horista da Universidade do Extremo Sul Catarinense (início 2001), eleita representante docente no Conselho Universitário - CONSU. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Arte na Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professor, apreciação estética, cinema e educação, arte e infância. Coordenadora de Área do Subprojeto de Artes Visuais do Pibid Unesc (desde 2012). Coordenadora Geral do Arte na Escola Polo Unesc desde 2006.<sup>20</sup>

Professora Silemar traz estes conhecimentos nas áreas e experiências citadas, para suas aulas e projetos ampliando e contribuindo com a formação docente.

---

<sup>19</sup> PIBID – Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

<sup>20</sup> Currículo Lattes: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4439859154491730>. Acesso em: 17 de out. de 2021.

## Carta resposta à Luana Joaquim

*Minhas memórias? O que me levou a fazer Artes? Em 1983, quando comecei a graduação, era Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas. Formava professores e também artistas. Eu queria ser artista. Uma artista do desenho.*



### EU - PROFESSORA - ARTISTA

*Luana, querida. Muito doce a sua carta. Inspiradora.*

*Desde muito pequena, a relação com a arte já acontecia. Havia na minha infância uma oficina de brinquedos de madeira que era do meu pai. Meus dois irmãos mais velhos desenhavam muito bem. Meu pai amava cinema, teatro e arranhava no violão. Aos quatro ou cinco anos já estava lendo e fazia desenhos que vendia para a vizinha decorar o quarto de suas filhas (verdade). Esta vizinha foi uma grande incentivadora. Não parei mais de desenhar. Aprendi a ser professora em um espaço de arte com crianças, durante 19 anos. Mas foi na universidade que me vi professora artista, quando junto com um acadêmico aprovamos um trabalho no edital do espaço Toque de Arte. Posso dizer que esse trabalho identifica essa experiência de professora artista, foi uma troca entre professora e acadêmico, fomos nos fazendo juntos e isso é muito importante.*



*Exposição Olhares e Marcas*

*Com Rogério Madoni. 2008.*

<http://www.engeplus.com.br/noticia/variedades/2008/olho-humano-inspira-mostra-olhares-e-marcas>

*Deixo aqui  
abraços para  
esta querida  
futura  
professora  
artista que  
tem um  
coração  
abençoado.*

*Com carinho*

*Sidemar*

A carta a seguir, é do Professor-artista Sérgio Honorato, foi meu professor nas disciplinas de Ateliê de Desenho I, Ateliê de Pintura I e II e Fotografia do curso de Artes Visuais UNESC. Um professor que me ensinou muito! Que propôs a atividade do portfólio digital, que foi um dos principais meios para que eu me reconhecesse também como artista.

Mestre em Design e Expressão Gráfica pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Especialista em Design Gráfico da Universidade Federal de Santa Catarina. Graduado em Artes Visuais - Bacharelado pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2003). É professor titular do Curso de Artes Visuais na Universidade do Extremo Sul Catarinense UNESC. Tem experiência na área de Design Gráfico, Artes Visuais, com ênfase em Fotografia, Ilustrações e Cerâmica, atuando, principalmente, nos seguintes temas: desenho, mosaico, caricatura, ilustração e fotografia.<sup>21</sup>

Com experiência em diferentes linguagens das Artes Visuais, como descrito, professor Sérgio traz para suas aulas as suas experiências nos processos artísticos mantendo o diálogo entre diferentes técnicas e possibilidades. Através das aulas que leciona nos ateliês oportuniza o conhecimento de técnicas e processos de criação que contribuem com a formação docente em arte e no reconhecimento do professor-artista.

---

<sup>21</sup> Currículo Lattes: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6145702899736230>. Acesso em: 17 out. 2021.

"O EDUCADOR  
SE ETERNIZA  
EM CADA SER QUE EDUCA"

Prezada Luana

Fiquei muito honrado e feliz com o seu convite e vou tentar expressar em algumas palavras, minhas memórias sobre o processo de formação como professor.

Em toda a minha jornada de cinquenta e sete anos lembro de estar sempre buscando por uma formação e trabalho como artista. As condições dos anos 70 e 80 não foram muito favoráveis para os jovens que sonhavam com isso. Tudo era muito autodidata, não havia escolas formadoras próximas. A família e a sociedade exerceram forte influência contra o meu sonho e o mais próximo da arte que cheguei aos meus dezoito anos foi ser técnico em desenho industrial. Segundo minha família, só assim eu teria algum futuro profissional.

No início dos anos 90 ingressei no curso de Educação Artística da UNESC mas, por problemas financeiros, sai na segunda fase. A experiência foi pequena, mas dois professores artistas marcaram minha formação nesse pequeno aprendizado: prof. Gilberto Pegoraro e profª Marlene M. Just.

No início do ano 2000 eu retomei para a UNESC como acadêmico da primeira turma de Artes Visuais e meu objetivo foi o Bacharelado, pois eu estava realizando o meu sonho de viver como artista independente produzindo a arte do mosaico e eu tinha um mecenas! Durante um período de três anos eu produzi mais de 150 obras em mosaico cerâmico para o presidente da CEUSA. Eu estava focado em ampliar minha bagagem cultural e conhecer técnicas para desenvolver uma arte mais refinada. Não imaginava que havia uma semente de professor plantada no meu interior por duas pessoas maravilhosas dez anos atrás. No período dessa formação conheci outros artistas professores como Jussara Guimarães e Edi Balod. Esses dois foram, junto com a profª Marlene, responsáveis em irrigar aquela semente que me fez perceber a beleza de poder construir saberes com pessoas que compartilham da mesma paixão que eu sinto.

Quando formado, fui contratado como professor pela SATC para lecionar Desenho e Fotografia para o curso técnico de Design. Foi um bom período de crescimento, até que eu fiz uma especialização em Design e, depois disso, fui convidado como professor substituto na Unesc no curso de Artes Visuais. Nesse momento, percebi que lecionar para pessoas que compartilham a mesma paixão pela Arte é uma das melhores formas de realização profissional que eu já havia experimentado, visto que durante esse processo, o crescimento é mútuo. Eu havia encontrado o meu lugar. Foi então que eu decidi complementar a minha formação com um mestrado, conquistando assim o meu espaço como professor titular no curso de Artes Visuais da UNESC nas disciplinas de Desenho, Pintura e Fotografia.

Construir conhecimento junto com acadêmicos é a melhor e mais satisfatória forma de crescer como Professor Artista.

A forma mais pessoal e preciosa que eu encontrei de homenagear esses mestres que me deram a honra de ser seu aprendiz, foi produzir uma obra em giz pastel sobre papelão, que serve agora como arte de fundo dessa carta. Uma técnica que eu desenvolvi durante as aulas de pintura para uma turma de Licenciatura em Artes Visuais.

Um cordial abraço!

Sérgio Honorato

Criciúma 17 de Setembro de 2021

Honorato  
2021

"O EDUCADOR  
SE ETERNIZA  
EM CADA SER QUE EDUCA."

Paulo Freire 1968



A professora-artista Izabel Duarte (Bel), foi minha professora em muitas disciplinas no curso de Artes Visuais UNESC, entre elas a disciplina de Ateliê de Desenho II, com enfoque nos desenhos contemporâneos. Nesta disciplina, inúmeras possibilidades foram apresentadas aliando teoria e prática e agregando muito a formação do eu-professora-artista.

Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Especialista em Ensino da Arte pela Universidade do Extremos Sul Catarinense - UNESC (2001). Graduada em Educação Artística pela UNESC (1997). Atualmente, é professora no Curso de Artes Visuais da UNESC. Atua também como professora efetiva da educação básica pública estadual e municipal (Criciúma). Áreas principais de interesse: quadrinhos, identidade, cultura visual, gravura e desenho contemporâneo.<sup>22</sup>

Estas experiências descritas na área da arte e educação refletem em suas práticas pedagógicas em sala de aula. Nos diálogos que possibilita nas produções artísticas e relações com as metodologias que a partir do conhecimento dos processos artísticos, podem acontecer na escola.

---

<sup>22</sup> Currículo Lattes: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7321748547577287>. Acesso em: 17 out. 2021.

Querida Luana, fico muito feliz por fazer parte de sua pesquisa, você sendo esta aluna super dedicada e artista...espero que eu contribua de alguma forma para o sucesso desta etapa tão importante...

Bom, eu desde criança sempre fui muito ligada a arte, amava desenhar, pintar e ouvir música. Mesmo com o pouco acesso que tínhamos com a arte na escola, eu sempre me destaquei nos desenhos. E foi na 7ª série que eu criei minha primeira história em quadrinhos e então não parei mais...adoro viajar nas histórias que crio, elas são a minha válvula de escape para as mazelas do dia a dia...



## BEL DUARTE

Quando entrei no Curso de Artes Visuais na UNESC, estava muito decidida que queria a arte no meu cotidiano. Não exatamente ser professora...quem sabe "apenas" artista. Porém, os caminhos foram se mostrando e eu me permiti a trilhá-los. Hoje posso dizer que sou professora/artista. Eu faço quadrinhos e descobri no curso de arte a linguagem da Gravura e foi amor à primeira vista, desde então produzo também xilogravuras. Este contato que possuo com a produção me enriquece muito como professora, pois surgem ideias para metodologias, levo minhas produções para a sala de aula e percebo que os alunos ficam encantados em saber que existe artistas pertinho deles. Acredito que com este meu contato mais intenso com a arte me incentiva cada vez mais mostrar em minhas aulas, que eles percebam o quanto a arte faz parte de nossa vida, e sem ela apenas existiríamos e não

## FILOSOFIA... DE MÃE



A Professora de Arte Gabriela Fernandes, é egressa do curso de Artes Visuais UNESC e desenvolve um trabalho notório na escola onde atua no município de Içara. Durante alguns meses participamos juntas do PIBID<sup>23</sup>, neste período, observei com admiração a relação que ela possuía com os alunos e a valorização das práticas artísticas produzidas por eles. É uma das minhas referências em docência em arte.

---

<sup>23</sup> PIBID – Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

Querida Luana,

Com esse convite você me fez viajar pelas minhas memórias e por lá encontrei lembranças que fizeram meus olhos marejar.

Quano era 1998 e eu amava brincar de escolinha com minha amiga de infância. Fazer tarefa era um prazer e tinha uma admiração enorme por meus professores.

Minha mãe é dona de casa e meu pai mecânico. Eles sempre me incentivaram a estudar.

Mãe, minha tia, que era pedagoga, a única mulher de toda a minha família que trabalhava fora e a primeira a fazer a Ensino Superior, foi ela que despertou em mim o desejo de lecionar.

Além disso, eu tinha professores maravilhosos!

Minha professora do 5º ano morava na rua da minha casa, todos os dias passava em frente a casa dela e torcia para encontrá-la, assim, subia a morra conversando e carregando seus materiais até a escola. Ela era amorosa, seus olhos brilhavam ao ensinar. Era ousada, também. Um dia pediu para levarmos nossos animais de estimação para escola. Foi incrível estudar a classificação dos animais, lembro até hoje daquele fantástico dia!

Minha professora de Geografia era muito engraçada! E eu amava o jeito como conduzia toda a aula. Era leve e divertida. Criamos muitos desenhos representando paisagens e preenchíamos um mapa gigante tudinha com bolinhas de papel crepom. Recordo-me com muita saudade!

Entretanto, foi uma professora super inovadora que foi decisiva em minha escolha de qual componente curricular lecionaria. Ela ganhou meu coração! Na sua aula podia me expressar, explorar minha criatividade. Fazíamos trabalho em grupo e sempre tinha muita interação. A professora sentava para conversar com todos, colocando sua cadeira ao nosso lado, um a um. Ela sentava pela sala toda e de nós retirava desabafos e muitas histórias. Nas aulas dela descobri que eu sabia escrever rap e que amava atuar. Fizemos máscara de gesso, esculturas em isopor, costuramos bonecas de pano, colorimos usando palha de aço e revistas velhas.

Desenhamos rostos ao estilo de Picasso e também a famosa quarta de Van Gogh.

Fizemos um desfile de roupas recicláveis e fomos estátuas vivas na casa de cultura da cidade.

Pintamos telas, dançamos, construímos instrumentos musicais.

Era ela minha professora de Artes! Sempre inventava algo super diferente! E a gente enchia a escola de cor e muitas produções artísticas. E ela também era nossa psicóloga, preocupava-se com nossos sentimentos.

Amava aquelas aulas e foi então que pensei ... não serei pedagoga como minha tia. Vou ser "prô" de Artes!!!

Então, em um belo dia perguntei para ela:

- Professora, quanto tempo falta para você se aposentar?

Ela fez as contas e me respondeu:

Eu prontamente calculei quanto tempo demoraria para finalizar o Ensino Fundamental, fazer o Ensino Médio e concluir a Faculdade de Artes. E não é que deu a mesma quantidade de anos que ela me falou que faltava para a sua aposentadoria?! Era tanta coincidência que profeticamente eu disse:

- Professora, eu vou ficar no seu lugar quando você se aposentar! "

Era riu e concordou.

Os anos passaram eu me formei na Ensino Médio, fiz vestibular para Artes Visuais e me formei. No ano seguinte me inscrevi para lecionar na municipal. E a primeira escola em que trabalhei o ano todo foi a escola em que eu estudei. Três anos se passaram e me inscrevi na concurso pública. Passei em primeira lugar, com muita orgulho! E hoje sou professora efetiva da escola onde estudei no meu Ensino Fundamental, no lugar da minha amada professora que na mesma ano se aposentou.

Hoje eu sou a professora maluquinha, que enche a escola de cor e produções artísticas.

E lembra da minha amiga de infância? Esse ano nas reencontramos. Ela lecionava história na mesma escola em que um dia, por brincadeira, sonhamos ser professoras!

Sobre os ateliês de Arte da UNESC, guarda importantes memórias.

Professora Marlene do ateliê de pintura, que teve paciência com minha pouca habilidade com os pincéis e com seu jeitinho carinhoso deu muitas dicas sobre como trabalhar a pintura nas salas de aulas por onde passaríamos.

Professora Jussara, in memoriam, tão agradável e concededora da argila. Nunca esquecerei a árvore que plantamos em frente ao ateliê em sua homenagem. Nossa turma vivenciou de perto a luta com sua partida.

Após a partida vivenciamos a chegada. Conhecemos a professora Odete, que veio cheia de experiências, com um sotaque gostoso e muita delicadeza abraçando uma turma enlutada.

A professora Angélica, angelical como diz seu nome, era confortada em nossas noites. Apesar da cansaça, ficávamos até a finalzinho da noite desfrutando de sua companhia.

Sua ingenuidade e amabilidade extraía de nós lindas produções. Com ela aprendi isograuora, que abordo com meus estudantes religiosamente todos os anos.

As aulas de música com a professora Edna foram tão importantes e deliciosas. Nelas fruímos ouvindo músicas diversas. Até hoje revisito os arquivos das aulas dela e uso as atividades dessa saudosa professora.

E o ateliê de teatro? Foi tão esperado por mim! Que alegria foi atuar com meus colegas!

As experimentações, os jogos teatrais e as inúmeras dinâmicas fizeram daquelas aulas leves e inesquecíveis. O professor Marcelo compartilhou conosco sua experiência de lecionar Artes no Ensino Médio. Foram trocas tão marcantes que é impossível abordar teatro em minhas aulas e não lembrar dele. Suas aulas me tornaram uma apaixonada pelo poder transformador do teatro na escola.

Foi a partir dessa turma que o professor Marcelo inaugurou o grupo 'Teatro em performance'. Grupo de performances artísticas que existiu na universidade e que eu e alguns colegas fizemos parte.

Aliás, as aulas do professor Marcelo são pura inspiração em minha vida. Ele é até hoje o professor mais organizado e didático que já conheci.

Na Universidade também tive a oportunidade de conhecer uma professora incrível. Com seu jeito singular, a professora Lenita fez com que todos ao seu redor se apaixonem pela cultura e pela biblioteca.

Ela me deu a oportunidade de trabalhar na Universidade ao seu lado. E essa experiência mudou minha vida. Amadureci. Ampliei minha visão de mundo.

Com a Lenita eu aprendi muito sobre profissionalismo. Sobre fazer sempre algo a mais. Sobre prestar atenção nos detalhes. Ela me ensinou sobre confiança. Sobre lealdade. Ensinou-me a valorizar as pausas regadas de café. A conversa olho a olho... o passeio braço a braço pelo campus. Ela me ensinou muito sobre generosidade e amizade. Ela me deu oportunidade de me tornar sua amiga, e eu a carrego da Universidade para minha vida.

Com toda certeza Luana, minhas memórias dos ateliês e a experiência acadêmica vivenciada na UNESC caminham comigo todos os dias nas salas de aulas por onde eu passo. A cada nova conteúdo sempre recorro as minhas origens e lembro de tantas experiências e professores que somam até hoje no meu dia a dia.

Passar pela universidade é passar por uma transformação de vida!

Gratidão por toda minha trajetória acadêmica e a você por me proporcionar essa visita ao passado, revivendo toda caminha trilhada.

Com muita carinho e saudades do campus.

Gabriela Adriana Luciana Fernandes

A professora-artista, Daniele Zacarão é egressa e docente do curso de Artes Visuais UNESC. Foi minha professora em muitas disciplinas ligadas a formação artísticas, inclusive a disciplina onde dei início a essa pesquisa, disciplinas da História da Arte, e até mesmo uma disciplina de Ateliê que aconteceu de forma remota por conta da pandemia, a disciplina de Ateliê de Interloquções Poéticas. Em suas práticas pedagógicas, sempre nos possibilitou o contato com os espaços de arte (visita ao ateliê da professora Marlene Just, espaço Edi Balod, entre outros), ampliando nossos conhecimentos e experiências artísticas.

Artista, mestre em Artes Visuais pelo PPGAV/UDESC, especialista em Educação Estética: A Arte e as Perspectivas Contemporâneas e bacharela em Artes Visuais pela UNESC. Coordenou a Galeria de Arte Contemporânea do Centro Cultural Jorge Zanatta (2009 - 2012) e a Galeria de Arte Octávia Búrigo Gaidzinski (2013 - 2015). É professora dos Cursos de Artes Visuais – Bacharelado e Licenciatura, gestora da Sala Edi Balod – Espaço de Exposições e Laboratório de Artes Visuais e membro do Grupo de Pesquisa em Arte - GPA da UNESC. Atua como presidente da Associação Sul Catarinense de Artes Visuais - ASCAV e presidente do Conselho Municipal de Políticas Culturais de Criciúma - COMCCRI.<sup>24</sup>

Assim, estando inserida nos espaços informais de educação e com conhecimento nas políticas culturais, sua atuação docente no curso de licenciatura em Artes Visuais possibilita um olhar ampliado em torno da arte e sua produção na contemporaneidade, agregando na formação do professor que produz arte, o professor-artista.

---

<sup>24</sup> Currículo Lattes: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4167474893774003>. Acesso em: 17 out. 2021.

~Luana~

~~~ O texto abaixo está organizado em pequenos blocos ou arquivos de memórias que tentam apresentar minha trajetória de formação e o processo de reconhecimento como professora-artista. Bom, é uma tentativa! ☺

#### [1] [FORMAÇÃO ÀS AVESSAS]

a] Tudo começou no Curso de Artes Visuais - Bacharelado da Unesc (entre 2005-2009), então acho que podemos dizer que foi uma formação meio às avessas. Nessa época ainda não me imaginava professora, por isso a opção pelo curso de bacharelado. Primeiro surge o desejo de ser artista e depois, ainda no percurso da graduação, descobrindo outros interesses como a organização de exposições e a mediação cultural.

b]] Muitos desses interesse foram surgindo a partir de experiências vivenciadas na formação em Artes Visuais - Bacharelado, o contato com as exposições da Fundação Cultural de Criciúma, as viagens para as Bienais e as mediações.

c]]] Na época da minha graduação o Curso organizava uma exposição anual, a Mostrando a Cara, com produções produzidas nas disciplinas. Como eu participava do Centro Acadêmico - CA e acabava ajudando na organização dessas exposições, foi assim que comecei a exercitar esse interesse. Saíamos pelos ateliês procurando trabalhos que pudessem compor a mostra e convidávamos os alunos para fazerem a inscrição no evento. As vezes precisávamos insistir muito, porque o pessoal tinha receio em expor, nunca achava o trabalho era bom o suficiente, tinha até uma resistência em se considerar artista, então essa conversa funcionava como um incentivo. A exposição geralmente ocupava o Espaço Cultural Toque de Arte da Unesc, mas com o tempo foi se ampliando e seguindo pelos corredores. (Hoje temos a Sala Edi Balod e exposições mensais!)

d]]]] Ainda na graduação, em 2008, tive a oportunidade de iniciar um estágio na Galeria de Arte Contemporânea da Fundação Cultural de Criciúma, que possibilitou estar em contato direto com artistas e curadores, acompanhando o funcionamento de uma instituição e, principalmente, em contato direto com o público nas atividades educativas. Assim começou meu contato com a educação (em espaços não formais), por meio das ações de mediação cultural.

## [2] [INCORPORAR O ATELIÊ]

e]]]]] O que torna os ateliês lugares tão apaixonantes? Estou aqui pensando sobre isso.

f]]]]]] Tentei me imaginar entrando nos ateliês lá em 2005... não lembro exatamente da primeira vez, mas lembro de alguns momentos e das primeiras sensações. Os cheiros dos materiais de pintura e da tinta serigráfica, as texturas e temperatura geladinha da argila nas mãos.

g]]]]]]] O Ateliê não é uma sala de aula comum, a configuração do espaço é diferente, mais acolhedora, seu corpo pode circular livremente pelo espaço. O ateliê é o lugar da criação que acolhe o corpo. Estar no ateliê é incorporar o ateliê.

h]]]]]]]] Lembro que as aulas nos ateliês eram sempre muito esperadas, seguiam uma dinâmica diferente, tínhamos mais liberdade para experimentar. Nesse espaço a interação com os colegas era mais intensa, todos produziam juntos, conversavam sobre as produções e trocavam ideias. Os professores nos acompanhavam nesse processo – Angélica, Jussara, Marlene, Rildo, Sérgio e Virginia – e os laços de amizade se fortaleciam, tínhamos os professores/as como amigos e conselheiros, sempre buscando orientações para novos projetos.

i]]]]]]]]]] Eu não consumava ser muito produtiva nas aulas de ateliê, o que eu mais gostava era estar com contato com os colegas e professores/as, acompanhando seus processos de criação. Mas lembro de colegas que produziam muito, ficavam o tempo todo nos ateliês, mesmo não sendo nosso dia de aula. Acho que os Ateliês da Unesc sempre foram meio casa também... tem alunos/as que não tem espaço para produzir (e isso é muito comum), mas encontram nos ateliês esse lugar de acolhimento. Isso é muito importante!

## [3] [PROFESSORA-ARTISTA-ETC-ETC-ETC]

j]]]]]]]]]] Primeiro existiu o eu-artista e depois o eu-professora. Mas no meio desse caminho também existiu o eu-mediadora, o eu-curadora, o eu-gestora, o eu-produtora cultural... Eu demorei um pouco para entender que tudo isso sou eu e que posso ser tudo o tempo todo, ou seja, não preciso deixar de ser artista para ser professora, sou uma artista que dá aulas, da mesma forma que sou uma professora-artista que faz a gestão de um espaço de arte.

k]]]]]]]]]]]]]] Em agosto de 2016 iniciei o trabalho como professora do Curso de Artes Visuais na Unesc, mas antes disso já havia ministrado cursos e oficinas sobre mediação cultural, portfólio de artista e alguns encontros de orientação de processos artísticos. Acho que essas experiências com educação não formal colaboraram muito para que eu pudesse iniciar meu trabalho como professora-artista.

l]]]]]]]]]]]]]] Ser uma professora-artista-etc-etc-etc me possibilita compartilhar com os alunos/as minhas experiências profissionais, e isso colabora com a formação desses alunos/as como artistas e professores-artistas. Sinto que isso é importante para os/os alunos/as, principalmente pela identificação, pois sou alguém que também passou pela formação no Curso de Artes Visuais da Unesc e atuo no circuito de arte local.

m]]]]]]]]]]]]]] Ser professora-artista me possibilita pensar os planos de ensino como projetos artísticos, a fusão da teoria e prática; gosto de conduzir as aulas com o propósito de resultar em uma produção artística individual ou coletiva (exposições, publicações, intervenções).

n]]]]]]]]]]]]]]]] A Sala Edi Balod – Espaços de Exposições e Laboratório do Curso de Artes Visuais é um espaço muito importante para o nosso Curso, foi desejado por muitas gerações de alunos/as e professores/as. É uma sala de aula “laboratório” onde podemos testar, investigar, experimentar possibilidades na produção artística, curadoria, crítica, expografia, mediação cultural, etc. É um espaço imprescindível para formação de artistas, curadores, gestores, mediadores e professores-artistas. Neste espaço me coloco como professora-artista-curadora-gestora-etc, compartilho toda a bagagem das minhas experiências anteriores a docência, que foram fundamentais para minha construção profissional. Quero muito que meus alunos/as tenham a oportunidade que tive, uma formação construída por meio de experiências.

o]]]]]]]]]]]]]]]]]] Eu não me imaginava como professora, sempre gostei mesmo de ser aluna, mas hoje percebo que ser professora é ser aluna para sempre, é um ciclo contínuo de aprender-ensinar-aprender. Eu não me imaginava professora, mas hoje não consigo me imaginar fazendo outra coisa... Acho que encontrei meu lugar como professora-artista-etc-etc-etc.

O professor-artista Alan Cichela, é docente no curso de Artes Visuais da UNESC. Desenvolve produções artísticas em diferentes linguagens artísticas contemporâneas. Foi meu professor de Teoria da Imagem e História da Arte com enfoque na arte contemporânea. Disciplinas teóricas que nos introduzem a historicidade da arte.

Artista Visual e Professor da Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc, vinculado ao curso de Artes Visuais Bacharelado e Licenciatura. Mestre em História, Teoria e Crítica pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais - PPGAV da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2019). Especialista em Educação Estética: Arte e as Perspectivas Contemporâneas pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC (2010). Graduado em Arte Visuais pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC (2005). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: desenho, pintura, história da arte e arte sequencial.<sup>25</sup>

Recordo o quanto em suas aulas se fazia presente estes conceitos e áreas citadas. Estes conhecimentos dialogavam com os elementos da história da arte, arte contemporânea e de sua experiência enquanto artista, refletindo em sua prática pedagógica e metodologias.

---

<sup>25</sup> Currículo Lattes: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4057365938484954>. Acesso em: 17 out. 2021.

Quando penso no meu caminho e na forma como ele se concretizou sempre tenho algumas ressalvas. Acredito que a primeira coisa que posso dizer é que não tinha um plano elaborado para nada, por mais que tente elaborar uma estratégia, falar sobre agenda e planos, no final, eles nunca aconteceram.

Talvez, para entender meu caminho eu precise ir mais fundo ainda, lá no começo da graduação, quando tudo começou, mas tenho receio que a memória me pregue algumas peças. Afinal, a memória parece se sedimentar apenas nos pontos fortes, ou que deram certo. Então tome essas poucas linhas como um relato real, mas com algumas falhas no processo, pois não irei lembrar de tudo.

No ano 2000, logo depois da virada do milênio, quando as pessoas ainda se comunicavam por telefone fixo e o celular era coisa de gente que trabalhava eu havia decidido ter uma carreira como funcionário de alguma empresa de importação/exportação. A ideia de sair da cidade era meu ponto forte com a idade de 19 anos. Entrei então para o curso de Administração em Comércio Exterior. Foi um semestre de lutas internas e de aceitar que nunca iria dar certo. Eu precisava assumir que apesar de desejar uma coisa eu teria que ir por outro caminho, porque a arte me chamava, por mais estranho que possa ser essa afirmação. A arte me chamava e acredito que sempre me chama. Naquele mesmo semestre fui até a sala da coordenação do curso de Artes Visuais que ainda era no bloco administrativo, na sala 18. Lá tive meu primeiro contato com o curso, fui ouvido e acolhido pela professora Inês Furlanetto. No segundo semestre de 2000 estava ansioso pelo meu primeiro semestre em artes. Confesso que foi a primeira vez – embora não lembre direito quando – em que pensei que um dia poderia ser chamado de artista.

Conheci uma turma nova, fiz amizades muito intensas e algumas delas preservo no meu coração até hoje. Sei que ter conhecido cada um deles ajudou a ser quem sou hoje, me ajudou na minha formação, mas acima de tudo ajudou a me encontrar como um artista.

Não sei vocês, mas não tínhamos uma competição naquela época, eramos uma turma bem unida, na medida que uma turma de quarenta pessoas pode ser unida. Felizmente, ou infelizmente as condições do curso de Artes não eram as melhores. Eramos então, a primeira turma de Artes Visuais da Unesc, usávamos os ateliês das turmas de Artes Plásticas, mas não tínhamos os laboratórios de fotografia, por exemplo.

Mas sabe? Nunca senti falta de sala melhores, ou de computadores melhores, sentia falta de mais rebeldia, de mais provocação, de mais questionamentos, mas será que era só eu que sentia isso?

E acho que muitos colegas também sentiam isso, e talvez seja isso que me leve ao próximo degrau. Essa sensação de inconformidade, de rebeldia, de acreditar que a arte pode de alguma forma mudar as estruturas sociais foi, e é a primeira vez em que me senti artista. Sentir que sou um artista foi um processo bem intenso. Sempre acreditei que iria demorar a acontecer, mesmo participando de exposições coletivas com artista que admiro muito (cito Jussara Guimarães e Fernando Lindote), eu sempre me sentia um impostor, um fracassado. Porque nunca estava feliz, não tinha um estilo, não tinha uma produção consistente, vivia transitando em várias linguagens e não parecia ter foco nenhum.

Assim eu acabei a graduação, com uma autocrítica enorme e uma síndrome de Impostor maior ainda. Trabalhei em inúmeros serviços (de entregador de compras de mercado até vendedor de assinatura de jornal), até que consegui um trabalho na área de criação. Finalmente pensei. Não me sentia um artista, mas pelo menos trabalhava desenhando. Em um mês percebi que não seria nada fácil desenhar para outras pessoas. Trabalhei com criação, terceirização para moda, ilustração, arte-finalização para publicidade, artes gráficas, até que fiquei sem trabalho e tive que começar tudo de novo.

Nesse meio tempo terminei minha especialização, não conseguia ter foco, produzir, ou mesmo me acertar. Estava sendo bem complicado. A sensação de fracasso era constante e me achar um artista era impossível, mesmo.

Foi quando recebi o convite, do professor Jeferson Azeredo, para uma roda de conversa. No dia da conversa algo realmente se acendeu, eu tinha a carreira mais errática possível, uma produção tão caótica quanto, mas os alunos pareciam entender aquela falta de foco. Foi a primeira vez em que ser chamado de artista não pareceu falso.

Depois dessa roda de conversa recebi um convite para atuar como professor. Por conta da especialização poderia lecionar na universidade e me dei conta do quanto é importante para o artista/professor esses caminhos.

Logo que comecei a lecionar tinha uma visão muito seca da docência. Inclusive tratava a sala de aula como um estúdio de artista. Claro que a realidade me mostrou o quanto estava errado. A sala de aula é muito mais que isso. E é engraçado porque, eu

sempre fico nervoso antes de uma aula – sempre, e eu não me achava um artista ainda, não de verdade pelo menos, mas conseguia me encontrar como um professor. Aos poucos fui entendendo que meu caminho, meus gostos e meu juízo estético de e sobre arte poderiam ajudar em alguma medida, por mais erráticos e caótico que tenha sido.

O caminho para ser um artista não é definitivo, é flutuante. Ele sempre está ao nosso lado, junto, mas quanto mais tentava concretizar esse lugar, mas ele se esvanecia. Já quando praticava e compartilhava meus desejos, anseios, dúvidas, inclusive a falta de respostas: mais ele está comigo. Não fui eu que me tornei artista, eu acho que no fundo eu sempre fui um artista, mas só conhecendo meus alunos pude acreditar que eu sou um artista, porque eu sei que eles também são, cada um a seu modo e isso é a única experiência que posso descrever sobre a docência.

A mais errática e caótica possível.

Aquela que chamo de minha experiência como artista/professor.

Alan Figueiredo Cichela.

Numa tarde fria de primavera de 2021.



FANTASMAS NÃO LEMBRAM DE SUAS FORMAS 11 – ALAN FIGUEIREDO  
CICHELA – 2020.  
NANQUIM SOBRE PAPEL CANSON.  
2,97 X 4,20 CM

As narrativas apresentadas através dessas cartas se fazem de grande importância por trazerem memórias afetivas de professores-artistas que ajudam a contar a história do desenvolvimento da arte contemporânea sul catarinense e também contribuírem para as reflexões em torno da formação docente em arte e suas possibilidades. Valorizando a história, presença e atuação de professores-artistas que contribuem para o desenvolvimento da arte nas escolas de educação básica e também na formação docente em arte na universidade.

Deste modo, podemos compreender em cada história como o reconhecimento do eu-professor-artista, pode-se dar por diferentes caminhos. Alguns se identificaram primeiramente pela produção artística e outros pela docência, e em diferentes experiências se perceberam como ambos. Nestes encontros é possível ver o quanto as memórias afetivas influenciam nas escolhas para a formação; e o ateliê como um potencial para a ampliação de conhecimento, vivências e possibilidade na atuação como professor-artista.

3.2

Correspondência

A experiência de receber e ler essas cartas foi muito significativa, pois, alguns dos convidados foram meus professores nas aulas nos ateliês e no curso, outros que já trabalhei em estágios, e ainda, alguns que conheci por projetos que se destacaram. Nas cartas recebidas tenho percebido quão potente se faz a pesquisa em arte e educação através da experimentação, da teoria aliada à prática, e a singularidade das memórias afetivas construídas fora e no ateliê que compõem a formação do professor-artista.

Para mim, como aluna, artista e professora em formação, conhecer esses processos de formação destes professores possibilitaram um outro olhar, não apenas como aluna, mas como alguém que possui experiências em comum. Todos nós fomos alunos dos ateliês. Somos marcados e marcamos este espaço artístico. Que riqueza, perceber neste processo também o desenvolvimento artístico que acontece em cada história e se amplia para outros espaços, entre eles a escola.

Essas cartas atingiram ao objetivo! Com a liberdade da escrita e contação das próprias memórias afetivas e do desenvolvimento do eu-professora-artista ampliando as produções, pesquisas e atuações nos lugares formais e não formais de educação através dos ateliês, pude perceber o quão importante são as experiências, e nelas, seremos sempre alunos. Aprendendo e descobrindo. Professores-artistas que compartilham aquilo que vivenciaram, oportunizando que seus alunos aprendam não apenas a teoria. Aprendam que a aprendizagem se faz de processos e experiências únicas, irrepetíveis e intermináveis. Aprendam que arte não é coisa do passado, ou algo distante de nós, mas se faz hoje, em nosso meio e através de nós.

Professores-artistas, obrigada por se permitirem vivenciar este processo!

Obrigada por compartilharem um pouco de si nas entrelinhas das memórias!

Obrigada por contribuírem com a formação de outros professores-artistas na graduação e nas escolas!

Obrigada por fazerem parte da minha formação!

*Luana, Içara 18/10/2021*

4

Cartas, Memórias e  
Experimentação na  
E. E. B. Antônio  
Colometti

Para aqueles que fazem parte de forma inseparável da formação e atuação do professor, os alunos, dedico as próximas páginas. Em especial, para os alunos do 2º ano do Ensino Médio da Escola de Educação Básica Antônio Colonetti, situada em Içara. Em busca de vivenciar uma metodologia pautada em uma proposta de trazer o ateliê para sala de aula, com o intuito de observar e refletir sobre a percepção e participação dos alunos ao terem uma aula teórica e prática explorando os elementos dos ateliês de arte e dialogando com essa correspondência de pesquisa, que se faz este trabalho de conclusão de curso. Percebendo o ateliê como elucida Lampert e Facco:

forma de deslocamento no modo de ver/olhar do sujeito em prática de si, instaurando perspectivas de novas metodologias para o contexto da Arte e da Educação. Propiciar reflexão, apropriando-se do próprio campo de criação das Artes, através da imersão do processo criativo, possibilitando a vivência e a experimentação no âmbito do ateliê. (LAMPERT; FACCO, 2018, p.30)

Destarte, foi proposta uma oficina de cartas contemporâneas que teve por base a BNCC indicando que

O campo artístico é o espaço de circulação das manifestações artísticas em geral, possibilitando, portanto, reconhecer, valorizar, fruir e produzir tais manifestações, com base em critérios estéticos e no exercício da sensibilidade. (BNCC, 2018, p. 480)

Assim, por meio da exploração do conhecimento do espaço de arte que hoje se alia às memórias, é importante propiciar aos jovens essas experiências de produzir criações artísticas e compartilhá-las a partir de suas próprias lembranças contribuindo para a formação de professores artistas que se atentem a criação, produção, teoria e prática. Buscando como objetivo geral propiciar experiências estéticas de produções artísticas e culturais, produzidas a partir de características regionais, trabalhando diferentes linguagens artísticas, dando significado e (re)construindo produções autorais individuais de forma criativa e respeitosa frente a diferentes produções, saberes, identidades e culturas, como nos pede as competências específicas da Base Nacional Comum Curricular (2018). E compreendendo como objetivos específicos: fruir e apreciar esteticamente manifestações artísticas e culturais aguçando a sensibilidade, a imaginação e a criatividade; (EM13LGG602). Expressar-se e atuar

em processos criativos interagindo com diferentes linguagens artísticas e referências estéticas e culturais; (EM13LGG603) Elementos estes, que encontramos nas habilidades da Base Nacional Comum Curricular (2018). Neste processo, explorar os conteúdos de gênero textual, produções artísticas a partir dos ateliês de arte, história da arte e arte contemporânea.

A proposta foi iniciar a aula com questões norteadoras sobre conceitos como carta, memória afetiva, escrita, arte e registro. Mostrando exemplos de trabalhos realizados nas aulas de ateliês durante os semestres, envolvendo arte e escrita e outras cartas presente na história da Arte.

Assim, as cartas escritas e produzidas por meio de técnicas e elementos presentes nos ateliês de arte da UNESCO, foram feitas pelos alunos com a temática: Memória afetiva. Eles poderiam desenvolver a linguagem e a escrita abordando suas experiências pessoais e afetivas relacionando objetos, pessoas, momentos, lugares e a Arte. Ficando a critério de cada aluno o remetente e destinatário da carta (fictício ou real). Para finalizar, em uma roda de conversa cada aluno apresentou sua produção e linguagem utilizada.

#### *A atuação...*

Chegando a escola, fui muito bem recebida pela equipe diretiva e pela professora da disciplina de português que disponibilizou suas três horas aulas do dia para o desenvolvimento do projeto. A ansiedade acelerava meu coração. Nas mesas do corredor central da escola distribuí os materiais conforme os elementos de cada ateliê. Dois alunos do ensino fundamental, que eram filha e sobrinho de uma das funcionárias, me acompanharam por todo o tempo, querendo ajudar na organização e perguntando sobre os materiais.

Em uma mesa separada coloquei referências de produções artísticas envolvendo memória afetiva, escrita e obras minhas e da minha colega Sandra Regina, que foram feitas nas aulas nos ateliês.

Figura 17: Produção Sandra Regina.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 18: Cartas expostas.



Fonte: Acervo da autora.

Foi interessante observar como os alunos que passavam pelas mesas para se dirigirem para suas salas reagiram ao ver as mesas. Alguns olhavam disfarçadamente, outros passavam mais de uma vez observando, outros até cumprimentavam, porém nenhum perguntou o porquê daquele movimento. Comecei a observar que alguns já demonstravam cansaço ou até indiferença. Talvez isso se desse por conta de o período ser noturno e provavelmente já haviam passado o dia realizando outras atividades. Neste momento pré-aula, me perguntava sobre como seria a reação dos alunos da turma que eu iria trabalhar. Bem ou mal, minhas expectativas estavam em uma grande participação e envolvimento. Ao chegar na sala, todos quietos, sentados mais ao final da sala não demonstravam nenhuma reação enquanto eu me apresentava. Para começar a envolvê-los, fiz questionamentos conforme indiquei no plano, mas não houve muitas interações. Então, convidei a turma para nos dirigirmos a primeira mesa onde estavam as cartas artísticas e falei sobre o contexto, o conteúdo da aula e a proposta de produção das cartas. Neste momento, alguns alunos já demonstraram algum interesse. Depois fomos as mesas onde estavam os materiais representando cada ateliê, e em cada um desses espaços reservados para as técnicas fui apresentando as realidades dos ateliês, explicando e dando dicas para utilizar os materiais ali disponíveis: papéis, diferentes tipos de lápis e canetas, livros antigos, papéis para colagem, linhas e fitas para o ateliê de desenho; argila para o ateliê de cerâmica; papéis, tinta guache, aquarela, lápis de cor e giz para o ateliê de pintura; e folhas, papel paraná, eva e linhas para o ateliê de gravura.

Figura: 19 – 20: Materiais disponibilizados.



Fonte: Acervo da autora.

Tendo a liberdade para escolher a técnica e suporte para utilizar em sua produção, cada aluno iniciou seu trabalho. Alguns demoraram mais para desenvolver o conceito, outros para escolher a técnica, outros ainda, logo iniciaram e concluíram mais de uma produção. Ao longo do desenvolvimento, procurei incentivar o diálogo, perguntando sobre as propostas, compartilhando minhas experiências como aluna do ateliê falando sobre esse processo de produção que envolve dúvidas, ideias, construção, pausa, recomeço. Deste modo, aos poucos eles foram se envolvendo mais. Ao chegar o horário do recreio, me surpreendeu o fato de a maioria deles não saírem do lugar e continuarem a produção. Conversando com a professora titular, ela comenta que isso era muito difícil de acontecer, pois o horário do recreio era sempre muito esperado por eles.

Figura. 21– 22: Materiais disponibilizados.

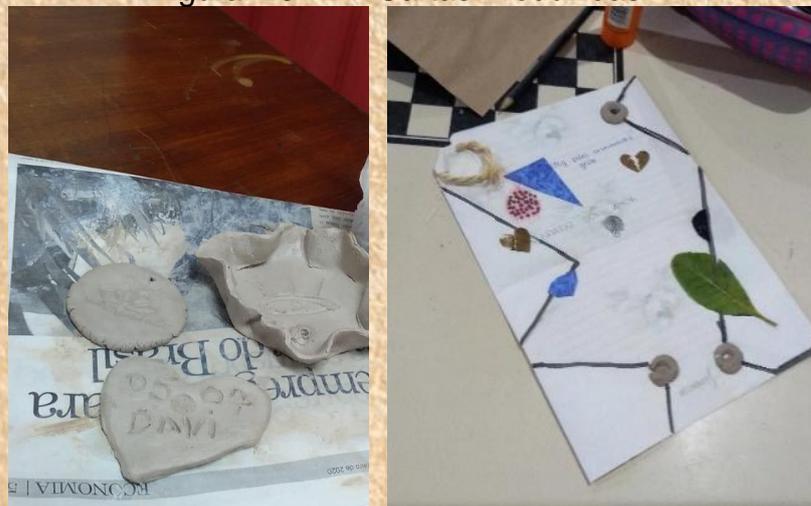


Fonte: Acervo da autora.

Como as aulas sempre estão propensas a momentos adversos, na penúltima aula tivemos que voltar para sala de aula por conta da chuva, pois mesmo tendo uma cobertura, apareceram goteiras. Felizmente, neste momento os alunos já haviam terminado e estavam se preparando para apresentarem.

Em sala de aula, cada aluno foi convidado a apresentar suas produções, motivações, conceitos, memórias afetivas, a linguagem escolhida. Cada um se expressou através da produção artística e da apresentação, de maneira diferente. Um aluno fez uma carta-escultura. Fez a dobradura de papel em formato de avião e nele colou vários papéis coloridos e em cada um deles escreveu uma memória de infância. Segundo ele, “assim como um avião não foi feito para ficar no chão, as memórias são momentos que foram feitos não para ficarem parados, mas para passar.” Outro fez uma medalha de cerâmica com símbolo do time de futebol que torce recordado memórias afetivas em torno do esporte. Uma aluna fez o desenho de uma personagem que ela imaginava na infância com aspectos que narravam uma história em seu imaginário. Outra apresentação interessante foi de um aluno que fez o desenho de um personagem de desenho animado que via na infância e ao apresentar, falou imitando a voz do personagem. Entre tantas outras apresentações que foram muito significativas! Fiquei muito entusiasmada ao ver o desenvolvimento da turma durante a aula! No início, muito fechados e ao final, comunicativos e ativos. Após finalizar com as considerações e agradecimentos, me despedi da turma. Enquanto eu arrumava com ajuda de alguns deles a guardar os materiais fiquei surpresa quando uma das alunas me disse que essa aula tinha a incentivado a voltar a desenhar, outro agradeceu por aquele momento de produção destacando sentir a diferença em uma aula que incentiva o desenvolvimento de forma afetiva e acolhedora, onde o que os alunos produzem é acolhido, conduzido, valorizado e convidado a explorar técnicas e possibilidades.

Figura. 23– 24: Cartas Produzidas.



Fonte: Acervo da autora.

Ao escrever este relato, minha lembrança traz as relações que tive quando eu era aluna do ensino médio e muitas vezes, me expressava melhor através da arte, mesmo em outras disciplinas. As aulas de arte na maioria das vezes mostravam algo distante. Nos pediam desenhos, mas não nos ensinavam a desenhar. Pediam uma produção em um determinado espaço de tempo ignorando o processo de desenvolvimento que é diferente para cada pessoa. Linguagens limitadas por reproduções em que não se sabia o objetivo da atividade e conteúdo que mesmo se repetindo, não se aprofundavam.

Realidades que encontramos em muitas instituições de ensino e que corroboram com a ideia de que arte não é área de conhecimento, que não é importante ou que por não saber desenhar, não se entende de arte. Há um aspecto importante neste contexto a se considerar, há professores de artes que não desenvolvem produções artísticas, que não são professores-artistas, porém que ao passar pelas experiências dos processos artísticos no ateliê reconhecem e se aproximam dos seus alunos, pelo desafio de produzir, pelas dificuldades em comum, pelas possibilidades descobertas. Assim possuem mais propensão de mudar esta realidade de desvalorização da arte nas instituições de ensino.

Essa experiência de estar em sala de aula produzindo com os alunos e compartilhando vivências, me trouxe novamente essa conexão com a docência e arte, uma relação que se movimenta, se amplia, deixa marcas nas memórias que contribuem para a visão e atuação no mundo.

5

Projeto de Extensão  
& Relicário

**Título:** Relicário: Memórias, Ateliê e Docência

**Público-alvo:** Professores de Artes e acadêmicos de Licenciatura do Curso de Artes

**Local e Realização do Evento:** Ateliês de Arte do Curso de Artes Visuais  
Universidade do Extremo Sul Catarinense

**Justificativa:**

Este projeto se desenvolve a partir das reflexões em torno das memórias afetivas e a formação do professor-artista. Pensando nas possibilidades que criam e desenvolvem a partir da teoria aliada a prática como caminho para experiência do professor e do aluno. Um professor que vivenciou os processos artísticos, explorou os espaços de arte e conheceu as técnicas e materialidades de produção de arte, tem mais o que contar e um repertório mais amplo para levar e produzir conhecimentos artísticos em sala de aula.

É dentro desta perspectiva que imaginamos esta possibilidade de ensino de arte. Não somente através de programas educacionais, mas também de estratégias de arte propostas por artista-professores onde o conhecimento gerado é ao mesmo tempo, produto e produtor de mais conhecimento em processo artístico. (DE VASCONCELOS, 2007, p.797)

Porém, por vezes, este processo, suas reverberações e reflexões passam despercebidos. E em meio os planos de aulas, cronogramas educacionais, e tantas outras preocupações e deveres, pode acontecer um distanciamento do professor-artista com a produção artística; ocorre também de professores de artes formados em instituições sem ateliês não terem vivenciado os ateliês, e ainda, acadêmicos que tiveram essas disciplinas em meio ao isolamento social impossibilitando as experiências.

Deste modo, com este projeto, desejo oportunizar a estes professores de artes e acadêmicos o encontro com o ateliê. Que nessa experiência eles possam vivenciar os processos artísticos, sem que para isso precisem separar o pessoal do profissional, mas os deixando confluir. Tendo ciência de que:

o espaço do ateliê poderá ser entendido como lugar de ensino e aprendizagem na prática do olhar, um lugar de potência como eixo gerador de um conhecimento que não perpassa somente pelo ensino técnico, mas

também pelo senso estético que promove, um lugar de mobilidade de forças (FACCO, 2018, p.108)

Com o intuito de propor essa experiência, ampliação de repertório metodológico, e vivências artísticas, possibilitando um possível reconhecimento do eu-professor-artista, proponho com este projeto quatro momentos de três horas. Estes encontros acontecerão nas salas de ateliês respectivos de cada linguagem com a presença dos professores-artistas do curso de Artes Visuais – UNESC que lecionam nos ateliês.

Assim, a partir destes encontros compreender que:

A metodologia operativa do ateliê pode instaurar processos e acender modos de operar a materialidade a partir da percepção, compreendendo o processo criativo como eixo para o ensino e a aprendizagem em Artes Visuais, em um formato aberto e coerente com a experiência e o processo formativo (LAMPERT; FACCO, 2018, p .28)

Destarte, este projeto se torna uma possibilidade de encontro, descoberta, construção e formação de professores-artistas trazendo suas memórias afetivas como possibilitadoras do ensino e aprendizagem e das práticas artísticas nos ateliês, o que poderá reverberar nas práticas pedagógicas e nas pesquisas em arte e educação.

### **Objetivos:**

#### **Objetivo geral:**

Viabilizar uma identificação pessoal e profissional com a arte e educação na possibilidade do reconhecimento do professor-artista através dos ateliês de arte e da memória afetiva.

#### **Objetivo Específico:**

Valorizar os processos e espaços de produção artística, como os ateliês de arte;

Proporcionar experiências em torno da memória afetiva trazendo uma poética pessoal que reflita nas produções artísticas propiciando uma identificação e aproximação com arte.

Desenvolver uma exposição com as produções artísticas que abrangem memória, experiência, arte e educação.

Conhecer os processos artísticos, bem como técnicas e materiais de produção.

Ampliar o repertório artístico e metodológico dos professores através do contato com as práticas artísticas.

## **METODOLOGIA**

1º dia: todos os participantes se apresentarão e conhecerão o Ateliê de Pintura do Curso de Artes Visuais – UNESC. Com a presença do professor-artista do curso que leciona na disciplina de ateliê de desenho e pintura. Conhecerão os elementos, materiais e técnicas destas linguagens artísticas e com elas produziram um desenho e/ou pintura que represente uma memória afetiva, seja ela dos momentos antes, durante ou depois convidados a conversarem e compartilharem suas experiências e memórias.

2º dia: os participantes conhecerão o ateliê de gravura e serigrafia conduzidos pela professora-artista do curso. Após terem os primeiros contatos com as técnicas e materiais dispostos no ateliê, os participantes serão convidados a desenvolverem um cartão postal utilizando as técnicas que conheceram. Assim como cartões postais trazem fotografias de lugares e paisagens, os cartões produzidos no ateliê trarão imagens de lugares físicos ou imaginários, relacionados a um momento significativo presente na memória afetiva dos participantes, podendo conter alguma escrita, remetente e destinatário.

3º dia: esse encontro será no ateliê de escultura e cerâmica. A proposta será conhecer as técnicas e materiais do ateliê e produzir um relicário no formato que os participantes preferirem e que possam guardar as produções que desenvolveram com a orientação da professora-artista do curso. Neste processo conhecerão o desenvolvimento da argila, e as possibilidades de pintura e queima.

4º dia: As produções realizadas nos ateliês de desenho e pintura, gravura e serigrafia serão guardadas no relicário feito no ateliê de escultura e cerâmica. Em um primeiro momento os participantes serão convidados a contar em uma carta que acompanhará o relicário as experiências na produção da proposta envolvendo as práticas artísticas dos ateliês, as memórias afetivas e a formação docente. No segundo momento haverá a abertura da exposição: **Relicário: Memórias, Ateliê e Docência**. A abertura iniciou com uma roda de conversa entre os participantes e visitantes.

Tabela 01 – Proposta metodológica

| ENCONTRO | TEMA                                                 | CARGA HORÁRIA | DESCRIÇÃO DA PROPOSTA                                                                                                       |
|----------|------------------------------------------------------|---------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1        | Memórias afetivas e o Ateliê de Pintura              | 4h            | Desenvolvimento de produções artísticas afetivas experimentando e utilizando técnicas de desenho e pintura.                 |
| 2        | Memórias afetivas e o Ateliê de Gravura e Serigrafia | 4h            | Desenvolvimento da produção artística afetiva: Cartão Postal, experimentando e utilizando técnicas de gravura e serigrafia. |
| 3        | Memórias afetivas e o Ateliê de Escultura e Cerâmica | 4h            | Desenvolvimento da produção artística afetiva: Relicário, experimentando e utilizando técnicas de escultura e cerâmica.     |
| 4        | Relicário: Memórias, Ateliê e Docência               | 2h            | Escrita da carta, exposição das obras e roda de conversa.                                                                   |

Fonte: Arquivo pessoal.

Sustentados pelos aportes teóricos que seguem nos referenciais da pesquisa, este projeto favorece as reflexões e ações em torno das temáticas abordadas que trilham unindo teoria e prática a partir do reconhecimento do eu-professor-artista nos ateliês

de arte possibilitando que tais considerações contribuam para as reverberações na docência em Artes Visuais.

**REFERÊNCIAS:**

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC. 2018. Disponível em:[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC\\_EnsinoMedio\\_em\\_baixa\\_site\\_110518.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_em_baixa_site_110518.pdf). Acesso em: 28 set. 2021.

DE VASCONCELOS, Edmilson Vitória. **As poéticas pedagógicas do artista-professor**. In: 16º Encontro Nacional da ANPAP, 2007, Florianópolis. Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais. Florianópolis: Clicdata Multimídia, 2007. p. 791-799.

6

*Considerações Finais*

*Caro leitor,*

Chegamos as últimas linhas desta pesquisa. No caminho que trilhamos até aqui, você conheceu minha trajetória no curso de Licenciatura em Artes Visuais-Unesc e nele, minha descoberta do Eu-Professora-Artista nos ateliês de arte. Foi a partir dessa descoberta que iniciaram as reflexões sobre a docência em Artes Visuais por uma docente que produz arte. E ainda, a importância dos ateliês neste processo. Ao longo do tempo, conversando, observando e lendo sobre o assunto esses pensamentos foram se fundamentando e ganhando forma. Vejo que há uma potência na diversidade das metodologias que são possibilitadas pela pesquisa e pela prática, pelo olhar sensível que busca na experiência fortalecer a relação de ensino e aprendizagem.

Nas imagens que trago, minha história vai sendo contada. Em cada ateliê, em cada produção, há um pouco de mim, entusiasta das artes e da educação. Há um pouco de mim no curso de Artes Visuais-Unesc e há em mim o que foi construído neste curso. E como eu, muitos outros acadêmicos ali se encontraram como artistas, ou como professores, ou então professores-artistas. Ou seja, aqueles ateliês possuem muitas histórias para contar. Algumas delas registrei nesta pesquisa. Egressos e professores do curso que possuem memórias afetivas constituídas por momentos nos ateliês e nessas páginas compartilharam um pouco de si e da contribuição dos ateliês para o reconhecimento e formação do eu-professor-artista, foram eles: Alan Cichela, Daniele Zacarão, Izabel Duarte, Gabriela Fernandes, Mikael Miziescki, Sérgio Honorato, Silemar da Silva e Thais Klima. Um compartilhamento tão pessoal que vi a importância de ser realizado pela poética dos objetos de memórias afetivas, como relicários e cartas.

Ao abordar sobre a formação docente em arte, houve também a necessidade de investigar e perceber a relação de ensino e aprendizagem com uma metodologia com práticas do ateliê em sala de aula, e assim, com a temática de escrita de cartas contemporâneas utilizando os elementos dos ateliês se pode perceber a interação dos alunos na EEB Antônio Colonetti conhecendo e experienciando práticas que muitas vezes só são vistas através da teoria.

Essa proposta de metodologia é apenas uma de muitas que podem ser elaboradas e aplicadas em sala de aula e que é possível o aprofundamento por professores que conhecem as técnicas e materiais.

Logo, pensando em possibilitar o contato de professores de artes e acadêmicos com os ateliês ampliando seus conhecimentos artísticos, o projeto de extensão: Relicário, foi elaborado.

Recordo que com o objetivo de investigar as memórias afetivas dos ateliês provocadas pelas experiências e vivências interativas a pesquisa se desenvolveu em uma metodologia cartográfica com o intuito de registrar, compartilhar, dialogar e aprofundar a temática. Esta se fez perpassando minha experiência pessoal, a experiência de professores-artistas, professores de artes e alunos da educação básica.

Para mim, uma riqueza incalculável esses diálogos, práticas e reflexões proporcionaram.

As páginas vão se findando, mas a pesquisa cria asas e não termina aqui. A carta guarda e revela. Em cada leitura, ela ganha vida.

Obrigada pela companhia nestas cartografias das memórias afetivas, da arte e da docência.

Com carinho,

*Luana*

Içara, 24/10/2021

7

Referências

## 7. REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DE VASCONCELOS, Edmilson Vitória. **As poéticas pedagógicas do artista-professor**. In: 16º Encontro Nacional da ANPAP, 2007, Florianópolis. Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais. Florianópolis: Clicdata Multimídia, 2007. p. 791-799.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 2004.

FACCO, Marta. **A aula ateliê no contexto da formação inicial do professor de Artes Visuais**. Revista Apotheke, v. 4, p. 102-110, 2018.

GOGH, Vincent van. **Cartas a Théo**. Nova ed. ampl., anotada e il. Porto Alegre: L&PM, 2002.

KATRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal: Revista de Psicologia**, v.25, p. 263-280, 2013.

LAMPERT, Jocielle. **Diário de artista e diário de professor: deambulações sobre o ensino da pintura**. Florianópolis: Ed. do Autor, 2016.

LAMPERT, Jocielle. Desafios da pesquisa em Arte e Educação ou Arte e Educação pela pintura. In: QUEIROZ, João Paulo; OLIVEIRA, Ronaldo. **Os riscos da Arte: formação e mediação**. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes, 2018. p. 55-62.

LAMPERT, Jocielle. **O estúdio de pintura como laboratório de ensino e aprendizagem em Artes Visuais**. Revista Matéria-Prima, v. 5, p. 60-65, 2017.

LAMPERT, Jocielle; FACCO, Marta. **Caderno Ateliê**: reflexões sobre metodologias operativas no estúdio de pintura. Revista Matéria-Prima, v.6, p. 27- 36, 2018.

LAMPERT, Jocielle; NUNES, Carolina. **Entre a prática pedagógica e a prática artística**: reflexões sobre Arte e Arte Educação. Digital do LAV, Santa Maria, v. 7, p. 100-112, 2014.

PEREIRA, Juliana Cristina. **Cartografias afetivas**: proposições do professor-artista-cartógrafo-etc. Raega: O Espaço Geográfico em Análise, v. 30, p. 106-130, 2014.

TORRES, Renato; LARA, Priscila Mocelin;. **A vivência no ateliê como parte do processo de formação docente em Artes Visuais**. Tuiuti: Ciência e Cultura (Online), v. 6, p. 4-28, 2019.

*Anexo*



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC  
 UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO  
 CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO

### AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, (NOME), \_\_\_\_\_ (ESTADO CIVIL),  
 \_\_\_\_\_ (PROFISSÃO), \_\_\_\_\_ portador(a) da  
 carteira de identidade nº (NÚMERO), \_\_\_\_\_ expedida pelo (ÓRGÃO  
 EXPEDIDOR), \_\_\_\_\_ inscrito(a) no CPF sob o nº  
 (NÚMERO) \_\_\_\_\_, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),  
 \_\_\_\_\_

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da  
 minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa do acadêmica Luana dos Santos  
 Joaquim do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação da Prof. Odete Angelina  
 Calderan para que o mesmo os disponibilize como dados da pesquisa de campo em  
 seu Trabalho de Conclusão de Curso. Por esta ser a expressão da minha vontade,  
 declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a  
 qualquer título que seja sobre direitos à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Identificação na pesquisa: RELICÁRIO, CARTAS E MEMÓRIAS: DO ATELIÊ À  
 DOCÊNCIA

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa

\_\_\_\_\_